

NOTICIÁRIO

TORTUGA

EDIÇÃO 507 | ANO 64 | JUN/JUL 2019

PECUÁRIA LEITEIRA COM GESTÃO: UM NEGÓCIO RENTÁVEL

As propriedades que investem em ferramentas de gestão têm melhorado consideravelmente a rentabilidade do negócio e já trabalham na expansão dos projetos

Entrevista

Paulo do Carmo Martins, da Embrapa Gado de Leite

SE TEM TORTUGA[®], TEM FUTURO.

Se tem Tortuga[®], tem uma marca da DSM, empresa global com soluções locais. Tem qualidade, pesquisa, tecnologia e inovação. Tem presença com mais de 700 profissionais no campo, preparados e treinados. Tem a história e o legado de uma marca que, há 65 anos, é admirada por todos os pecuaristas, veterinários, consultores e gestores do agro.

Tortuga[®], uma marca DSM. Se tem Tortuga[®], tem futuro.



Uma marca



ENTREVISTA | PAULO DO CARMO MARTINS

PECUÁRIA LEITEIRA TEM MOTIVOS DE SOBRA PARA COMEMORAR

08



CAPA

PECUÁRIA LEITEIRA COM GESTÃO: UM NEGÓCIO RENTÁVEL

14

ECONOMIA & NEGÓCIOS

CEPEA: PRIMEIRO SEMESTRE CONFIRMA IMPORTÂNCIA ATUAL DO MERCADO EXTERNO

24



SUCESSÃO & SUCESSO

FAZER MAIS E MELHOR

30

NOSSA GENTE

TRABALHAR COM DESAFIOS É MOTIVADOR

52



SEGMENTOS

Confinamento

34

Gado de Corte

38

Gado de Leite

42

Equídeos

46

SEÇÕES

Cotações

07

Entrevista

08

Destaque

22

Economia & Negócios

24

Inovação

26

Sucessão & Sucesso

30

Agroindústria de Ração

50

Nossa Gente

52

Túnel do Tempo

54



EFICIÊNCIA EM GESTÃO PARA A RENTABILIDADE DO NEGÓCIO

Analisar, planejar e controlar são itens indispensáveis para qualquer empreendimento prosperar. Na pecuária, não é diferente. Ao lado da inovação e da tecnologia, as ferramentas de gestão são essenciais na busca pela eficiência e rentabilidade do negócio.

Esse é o tema da nossa Reportagem de Capa. Na pecuária leiteira, as propriedades que estão investindo em ferramentas de gestão têm melhorado consideravelmente a rentabilidade e já trabalham na expansão dos seus projetos. E uma dessas ferramentas disponíveis aos produtores do setor é o Programa de Gestão DSM Leite (PGDSM Leite). Criado no final de 2017, o programa possibilita o gerenciamento das fazendas com base em diversos indicadores econômicos e zootécnicos. Através do PGDSM Leite, o produtor também pode comparar os seus resultados com o de outras propriedades e, a partir daí, tomar decisões para se tornar mais competitivo.

Eficiência de gestão, aliada à introdução de tecnologia e ao bem-estar animal, também foram eleitos pelo economista Paulo do Carmo Martins, chefe-geral da Embrapa Gado de Leite, como fatores cruciais para o futuro da atividade no País. Segundo o nosso entrevistado dessa edição, o cenário é muito positivo para a pecuária leiteira, pois a baixa inflação e a cotação elevada do dólar criam uma proteção natural à produção local, estimulando o seu aumento e a elevação do consumo.

Otimismo também na pecuária de corte. De acordo com o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/USP), nos primeiros seis meses deste ano, os números de exportações de carne bovina in natura seguem favoráveis ao setor pecuário nacional e reforçam a importância atual do mercado externo.

Essas e outras reportagens, como o case de “Sucessão&Sucesso”, as seções de Confinamento e Gado de Corte, você confere a seguir.

Boa leitura!

Ariel Maffi
Vice-Presidente Ruminantes Brasil



NOTICIÁRIO TORTUGA

O Noticiário Tortuga é um veículo de comunicação da DSM Produtos Nutricionais Brasil, publicado desde 1955 e de distribuição gratuita. O conteúdo e as opiniões expressas nos artigos assinados são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente a opinião da empresa.

DSM Produtos Nutricionais Brasil

Av. Juscelino Kubitschek, 1909 - São Paulo Corporate Towers

Torre Sul - 5ª andar - CEP 04543-907 - São Paulo/SP

E-mail: marketing-ruminantes.brasil@dsm.com

SAC 0800 11 6262 - www.noticiariotortuga.com.br

Conselho Editorial

Ariel Maffi

Juliano Sabella

Servio Tulio Ramalho Pinto

Tiago Sabella Acedo

Augusto Adami

Rodolfo Pereyra

Andreza Pujol

Monica Bueno

Fernanda Mendonça Rodrigues

Adriana Pineda

Aline Gomes

Carlos Alberto da Silva

Colaboraram nesta edição

Alessandra da Paz

Aydison Nogueira

Dr. José Luiz Domingues

Dr. Lucas Eduardo Pilon

Luis Otavio Affonso Bosque

Thiago Bernardino de Carvalho

 tortuga.com.br/blog

 facebook.com/tortugadsm

 instagram.com/tortuga.dsm

 youtube.com/TortugaDSM

Editor

Carlos Alberto da Silva | Mtb 20.330

Jornalista Responsável

Mylene Abud | Mtb 18.572

Reportagens

Mylene Abud | Mtb 18.572

Larissa Vieira | Mtb MG 09.513 P

Revisão

Mylene Abud

Projeto Gráfico, Diagramação e Edição de Arte

Gutche Alborgheti

Produção e Circulação

Tortuga, uma marca DSM

Fotos

Arquivo Tortuga, uma marca DSM

Arquivo Publique Banco de Imagens

Arquivo iStockPhoto

Impressão

Gráfica Araguaia

Tiragem

5 mil exemplares



conteúdo é tudo

Caixa Postal 85 - CEP 18260-000

Estrada Municipal Bairro dos Mirandas, s/n

Porangaba, SP - Brasil • (11) 3042.6312

www.publique.com • publique@publique.com



O NOTICIÁRIO TORTUGA TAMBÉM PODE SER LIDO ATRAVÉS DE APLICATIVO DISPONÍVEL PARA IOS E ANDROID.

CONFIRA TAMBÉM O NOTICIÁRIO TORTUGA NA VERSÃO ONLINE: no site www.tortuga.com.br

3º TRIMESTRE 2018	jul/18	ago/18	set/18
Boi Gordo (R\$/@; estado de São Paulo)	142,46	146,22	150,81
Suínos (R\$/kg; estado de São Paulo)	3,12	3,35	3,64
Frango Congelado (R\$/kg; estado de São Paulo)	3,93	3,79	4,15
Ovos Branco (R\$/cx de 30 dúzias; média Bastos-SP)	70,49	68,29	65,87
Leite (R\$/litro - média Brasil)	1,593	1,659	1,586
Milho (R\$/saca de 60 kg; Campinas - SP)	36,6	40,45	39,59
Soja (R\$/saca de 60 kg; Paraná)	81,97	83,64	88,84


Média do dólar

jul/18
 ago/18
 set/18
 out/18
 nov/18
 dez/18
 jan/19
 fev/19
 mar/19
 abr/19
 mai/19
 jun/19

U\$

3,83
 3,93
 4,11
 3,76
 3,79
 3,88
 3,74
 3,72
 3,84
 3,90
 4,00
 3,86

4º TRIMESTRE 2018	out/18	nov/18	dez/18
Boi Gordo (R\$/@; estado de São Paulo)	149,04	147,01	151,15
Suínos (R\$/kg; estado de São Paulo)	3,81	3,90	3,92
Frango Congelado (R\$/kg; estado de São Paulo)	4,31	4,53	4,55
Ovos Branco (R\$/cx de 30 dúzias; média Bastos-SP)	60,19	63,05	63,75
Leite (R\$/litro - média Brasil)	1,44	1,36	1,23
Milho (R\$/saca de 60 kg; Campinas - SP)	36,43	36,56	37,83
Soja (R\$/saca de 60 kg; Paraná)	84,18	78,33	75,60

1º TRIMESTRE 2019	jan/19	fev/19	mar/19
Boi Gordo (R\$/@; estado de São Paulo)	153,42	150,63	153,28
Suínos (R\$/kg; estado de São Paulo)	3,84	3,76	4,18
Frango Congelado (R\$/kg; Grande São Paulo)	4,37	4,30	4,43
Ovos Branco (R\$/cx de 30 dúzias; Grande São Paulo)	53,86	75,87	83,54
Leite (R\$/litro - média Brasil)	1,28	1,41	1,48
Milho (R\$/saca de 60 kg; Campinas - SP)	38,91	40,89	39,82
Soja (R\$/saca de 60 kg; Paraná)	72,02	72,78	73,02

2º TRIMESTRE 2019	abr/19	mai/19	jun/19
Boi Gordo (R\$/@; estado de São Paulo)	158,04	152,82	149,98
Suínos (R\$/kg; estado de São Paulo)	4,29	4,47	5,15
Frango Congelado (R\$/kg; Grande São Paulo)	4,65	4,83	4,74
Ovos Branco (R\$/cx de 30 dúzias; Grande São Paulo)	85,88	77,21	79,27
Leite (R\$/litro - média Brasil)	1,49	1,52	1,53
Milho (R\$/saca de 60 kg; Campinas - SP)	36,42	34,84	37,48
Soja (R\$/saca de 60 kg; Paraná)	71,78	72,91	76,26

Fonte/Ano 2019:

<http://www.cepea.esalq.usp.br/boi/>
<http://www.cepea.esalq.usp.br/suino/>
<http://www.cepea.esalq.usp.br/frango/>
<http://www.cepea.esalq.usp.br/ovos/>
<http://www.cepea.esalq.usp.br/leite/>
<http://www.cepea.esalq.usp.br/milho/>
<http://www.cepea.esalq.usp.br/soja/>



PECUÁRIA LEITEIRA TEM MOTIVOS DE SOBRA PARA COMEMORAR

BRASIL É O ÚNICO PAÍS TROPICAL AUTOSSUFICIENTE E COM ALTA PRODUÇÃO DE LEITE. PODE, AINDA, GANHAR O MERCADO INTERNACIONAL. O SEGREDO? TECNOLOGIA E MELHORAMENTO ANIMAL E VEGETAL

Mylene Abud

A pesar dos desafios atravessados pelo País, o economista Paulo do Carmo Martins, à frente da Embrapa Gado de Leite desde 2014, vê com otimismo as perspectivas atuais para o setor. Segundo ele, a baixa inflação e a cotação elevada do dólar criam uma proteção natural à produção local, estimulando o seu aumento e a elevação do consumo. E isso vai acontecer “mesmo que a economia continue travada e o Brasil não apresente um bom desempenho do PIB, já que o leite ainda é uma forma barata e segura de se consumir proteína”.

Oriundo do maior estado produtor brasileiro, Minas Gerais, Paulo Martins sabe muito bem o que diz. Membro da Câmara Setorial do Leite e Derivados do Ministério da Agricultura, ex-secretário municipal de Agropecuária e Abastecimento de Juiz de Fora, é Mestre e Doutor em Economia Aplicada e também atua como professor de diversas cátedras em universidades referências do setor. Na Embrapa desde 1997, participou ativamente da criação do Sistema de Monitoramento da Qualidade do Leite Brasileiro (SIMQL), que considera o maior Big Data do agronegócio brasileiro, com mais de 110 milhões de informações da área.

Na entrevista concedida ao Noticiário, o chefe da Embrapa Gado de leite elogia as parcerias com a DSM. E faz um alerta: a fazenda que não basear os seus trabalhos em tecnologia, eficiência de gestão, vacas felizes e consumidores satisfeitos, não será competitiva. “É propriedade sem futuro”, avisa.

Noticiário Tortuga – Em 1º de junho, celebramos O Dia Mundial do Leite. O Brasil teve motivos para comemorar a data?

Paulo do Carmo Martins - Sim, vários motivos. O primeiro deles: o Brasil é o único país do mundo tropical que tem alta produção e é autossuficiente. E, ainda, tem condições de ganhar o mercado internacional. Só isso já seria um belo motivo para comemorar. Os demais países do ambiente tropical são importadores de leite porque não conseguem viabilizar a produção em uma proporção compatível com o seu consumo. O Brasil só consegue fazer isso porque investiu em tecnologia e desenvolveu, através de melhoramento animal e vegetal, condições favoráveis à produção local. No âmbito do melhoramento animal, conseguimos transformar raças indianas que não eram aptas à produção de leite, e que hoje somam a sua rusticidade característica à lógica da alta produção. Eu me refiro ao Gir Leiteiro, ao Girolando e, ainda, à perspectiva da concentração de gordura que o Guzerá possibilita. Na área de melhoramento vegetal, com base em inúmeras pesquisas,

conseguimos adaptar as variedades que chegaram aqui com os navios negreiros (como os capins Kurumi e Capiagu que criamos no País) e que hoje estão muito bem consolidadas e espalhadas pelo Brasil inteiro, sendo até exportadas para a África, de onde elas vieram. Isso faz uma diferença tremenda. Só isso já seria motivo para comemorarmos de maneira efusiva o Dia Mundial do Leite. Além disso, a partir do mês de junho, aumentamos as exigências em termos de qualidade do leite, o que elevará a nossa cadeia produtiva a um patamar superior.

Noticiário Tortuga – Quais as principais conquistas do setor no País nos últimos anos?

Paulo do Carmo Martins – Está havendo uma revolução silenciosa no setor, com a entrada de novos agentes. Na parte da produção, nós temos jovens que estão vislumbrando ganhos no leite e o setor, que no passado era visto como iminente exportador de produtos, hoje atrai produtores com uma visão bem diferenciada. São profissionais que veem o leite como negócio, o que está fazendo com que a produtividade cresça, o custo de produção caia e a qualidade do produto melhore. Também temos um processo bastante eficiente de participação das empresas de insumos e de fornecedores de serviços que tem ajudado o produtor a melhorar o seu desempenho. A DSM, detentora da marca Tortuga, é um exemplo, por perceber o quanto é possível a formalização de parcerias público-privadas. E a Embrapa tem parcerias muito sólidas com a DSM.

Existem, ainda, mudanças de curso no setor de processamento com a chegada de novos players, aumentando a competição entre os laticínios e, no final, todos se beneficiam: os que estão no processo de competição, porque ficam mais vinculados ao setor; e os consumidores, que recebem um produto de melhor qualidade, mais diversificado e a um menor custo.

Noticiário Tortuga – Segundo dados do IBGE, em 2018, os laticínios sob serviço de inspeção sanitária captaram 24,45 bilhões de litros, um acréscimo de 0,5% em relação a 2017, com o produtor de leite recebendo, em média, R\$ 1,27/litro de leite comercializado (CEPEA), 10,4% a mais que no ano anterior. Quais as expectativas da Embrapa para 2019?

Paulo do Carmo Martins – 2019 está se mostrando um ano muito desafiador em função da instabilidade que começamos a verificar no mundo e no Brasil. E o leite é um produto que depende muito de estabilidade. Nesse momento, nós temos a favor do leite brasileiro a baixa inflação e a cotação elevada do dólar. Isso cria uma proteção natural à produção local e estimula o seu aumento. Acreditamos que o ano, sob a ótica dessas duas

•••



variáveis, poderá apresentar preços muito interessantes para os produtores e a manutenção de um consumo razoável de leite, mesmo que a economia continue travada e o Brasil não apresente um bom desempenho do PIB, já que o leite ainda é uma forma barata e segura de se consumir proteína.

Noticiário Tortuga – E para os próximos anos?

Paulo do Carmo Martins – Essa pergunta é muito apropriada porque, quem atua na pecuária leiteira, tem que ter visão estrutural, mais sólida do que conjuntural. E por quê? Porque as transformações que são feitas em uma propriedade não apresentam resultados imediatos. O produtor tem pouca capacidade de dar grandes guinadas, então, a visão dele precisa ser de longo prazo. E sob essa ótica, o leite vai continuar sendo uma atividade rentável, atrativa e profundamente interessante para os produtores que tiverem visão de negócio. O consumo de leite no mundo vai continuar crescendo com o aumento da população e os principais produtores, como Austrália, Estados Unidos, Nova Zelândia e Europa, já estão saturados em termos de capacidade de aumento de oferta. E isso abre

uma perspectiva muito boa para o Brasil, que tem condições de aumentar a sua produção e vem fazendo isso com a modificação da base produtiva. Nós estamos mudando a maneira de produzir leite no País, intensificando a produção, seja por meio de compost barn ou pela intensificação de pastagem. Mas há, ainda, outro fator: o Brasil pode produzir leite no padrão commodity (que vai para o mercado internacional na forma específica de leite em pó) e expandir a sua produção por nichos de mercado. Nós temos duas das principais empresas do setor no País se preparando para produzir leite orgânico, além da oferta de produtos não alergênicos em função do trabalho de genômica. E temos cada vez mais a possibilidade de valorização da gordura do leite como mecanismo nutracêutico. E isso é muito bom porque o leite, assim como o ovo, tinha a pecha de ser um produto perigoso para a saúde, principalmente para o coração, e a ciência está mostrando uma posição diferente da que antes havia. E isso vai fazer com que

as pessoas aumentem o consumo de leite para ter mais saúde. E de leite integral, com gordura.

Noticiário Tortuga – Quais os principais desafios e gargalos do setor?

Paulo do Carmo Martins – O principal desafio é produzir leite com qualidade, baixo custo e sustentabilidade. Isso a gente não conquista solitariamente, é necessária uma ação que envolva os produtores, a indústria e o governo. O produtor precisa estar focado na atividade, buscando sempre o menor custo de produção com melhor qualidade; a indústria precisa pagar ao produtor estímulo de diferenciação de qualidade; e ao Governo cabe continuar aportando conhecimento e facilitando a sua transmissão, o que chamamos de transferência de tecnologia, e cuidando da infraestrutura. Afinal, estamos saindo de um período em que era possível produzir leite concentrando-se só na produção e estamos entrando em um processo em que é preciso contar com as tecnologias digitais. Para isso, a infraestrutura, como, por exemplo, a de comunicações no Brasil, precisa melhorar para que o produtor possa cumprir com a sua missão de, junto aos laticínios, ofertar produtos com menor

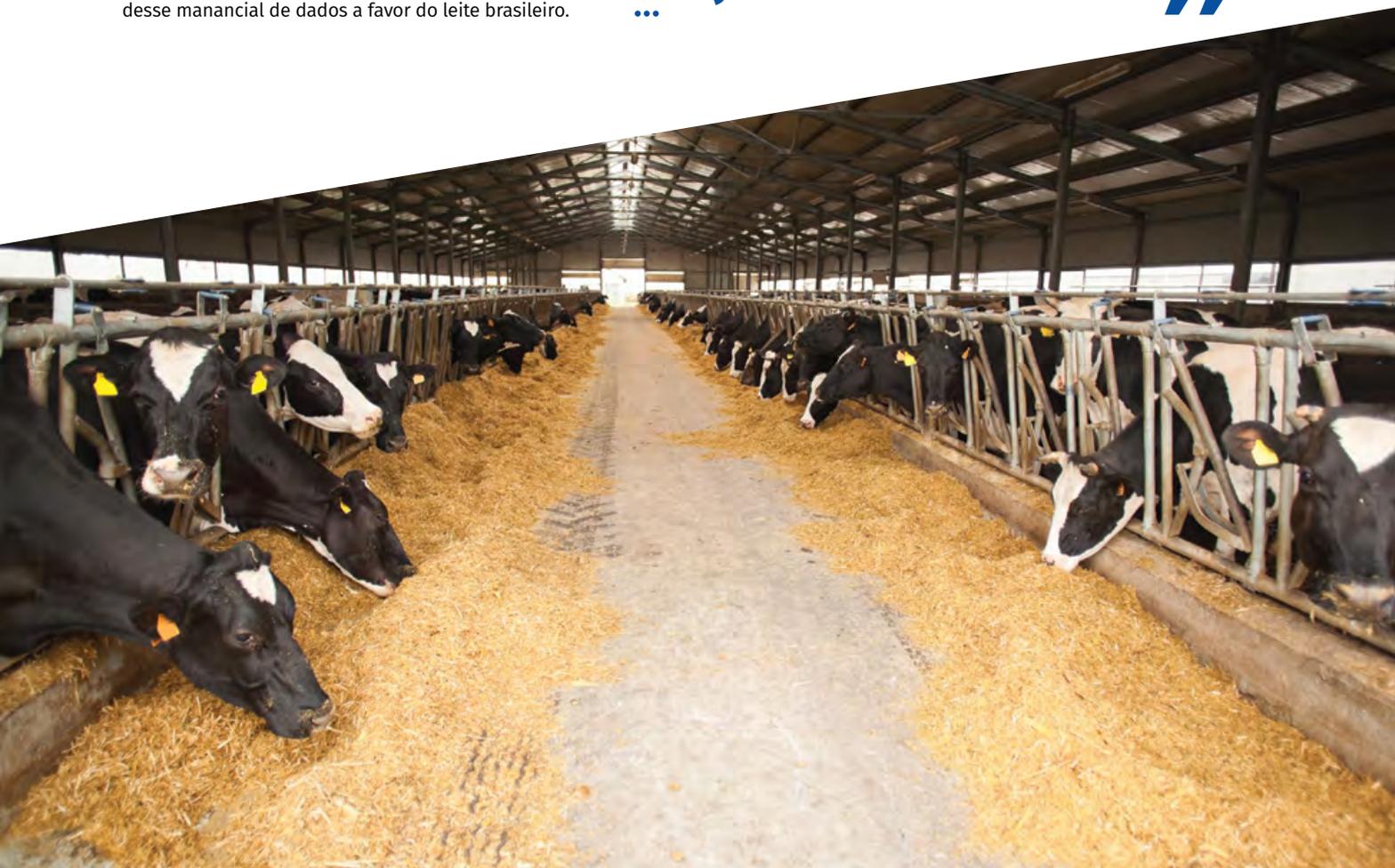
custo, melhor qualidade e sustentabilidade, para que possamos inclusive ganhar o mercado internacional e, ao mesmo tempo, satisfazer o mercado nacional que tem muito a crescer.

Noticiário Tortuga – Fale um pouco sobre o Sistema de Monitoramento da Qualidade do Leite Brasileiro (SIMQL).

Paulo do Carmo Martins – Em funcionamento há três anos, o SIMQL foi uma demanda do setor produtivo feita ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) e competiu à Embrapa fazer a plataforma que recebe os dados para a tomada de decisões públicas e privadas. Acompanhamos o recebimento desses dados e podemos afirmar que temos o maior Big Data do agronegócio brasileiro, porque ali estão inseridos mais de 110 milhões de informações, já que todos os laboratórios, quando fazem análise de leite de uma propriedade, enviam os dados para essa estrutura. Atualmente, grande parte dos produtores e da indústria, anseia que o MAPA transforme essas informações em políticas públicas. E isso está acontecendo nesse momento. Estamos conversando sobre como a Embrapa pode apoiar o Ministério da Agricultura na análise dessas informações. Nós acreditamos que a participação da universidade brasileira também contribuirá para que tenhamos, ainda em 2019, o uso desse manancial de dados a favor do leite brasileiro. ...

“

O principal desafio é produzir leite com qualidade, baixo custo e sustentabilidade. Isso a gente não conquista solitariamente, é necessária uma ação que envolva os produtores, a indústria e o governo. O produtor precisa estar focado na atividade. ”





Noticiário Tortuga – De que forma o cruzamento das informações obtidas pelo SIMQL pode ajudar no desenvolvimento de políticas para o leite no País?

Paulo do Carmo Martins – Nós temos dados de cada produtor que faz análise do leite e sabemos para qual empresa ele entrega, para qual fábrica. Então, temos um mapa detalhado de onde o leite tem melhor e pior qualidade. Com base nesse nível de informação, por exemplo, poderíamos criar programas de melhoria de qualidade do leite focados em regiões, porque as políticas públicas brasileiras não são focadas, são feitas de maneira geral, e, dessa forma, nunca obtemos um resultado tão bom. Poderíamos ter políticas regionais de melhoria de qualidade e de aumento de produtividade no Brasil inteiro. Ainda com base no cruzamento de dados obtidos pelo programa, temos a possibilidade de rastrear o produtor, verificar se ele está melhorando a qualidade. Afinal de contas, chegou a hora de definir quem é produtor de leite e quem é tirador de leite. Para tirador de leite, não há mais espaço no mercado brasileiro. E o SIMQL pode ajudar a cumprir essa missão, ser o divisor de águas da qualidade do leite brasileiro.

Noticiário Tortuga – Crescer com qualidade é um desafio constante para o setor. O que a Embrapa pode fazer com o objetivo de melhorar esses padrões?

Paulo do Carmo Martins – Em 1996, o Brasil passou por uma grande escassez de leite porque, naquele ano, houve a implantação do Plano Cruzado e a população teve um ganho imediato de poder aquisitivo em função da diminuição da inflação. Isso se traduziu em um aumento muito grande na demanda por leite. Então, naquele momento, a discussão era em torno de como o Brasil poderia aumentar a sua produção, ou seja, a preocupação era com a quantidade. Naquele mesmo ano, aqui na Embrapa, começamos a discutir sobre qualidade. Portanto, enquanto o Brasil discutia quantidade, nós já estávamos começando a pensar em qualidade.

De lá para cá, o País recebeu várias contribuições para o segmento da qualidade, englobando as novas tecnologias e estudos que melhoraram a questão regulatória. Por exemplo, foi a Embrapa Gado de Leite que mostrou ao setor brasileiro que era possível ter tanque comunitário e garantir qualidade. Também na Embrapa foram gestadas as bases para as mudanças na legislação brasileira, que vêm se transformando nos últimos anos. Também desenvolvemos programas de melhoria da qualidade do leite e que foram adotados pelo Sebrae, pelo setor privado, fora os treinamentos de profissionais de

campo e daqueles ao longo de toda a cadeia, o que inclui os caminhoneiros. E o Brasil pode contar com a Embrapa para continuar cumprindo essa missão: gerar conhecimento, dar suporte, formular políticas públicas, inclusive regulatórias, e facilitar a disseminação desse conhecimento, treinando técnicos dos setores público e privado.

Noticiário Tortuga – Em 2011, a DSM, detentora da marca Tortuga, criou o prêmio Qualidade do Leite Começa Aqui!, para homenagear produtores que atingem altos níveis de qualidade com o uso das tecnologias de ponta da empresa. Em sete anos de existência, o programa já avaliou cerca de 1.188.929 vacas em lactação em 17.466 fazendas de 14 estados do País. Qual a importância desse tipo de iniciativa?

Paulo do Carmo Martins – Esta é uma belíssima iniciativa por parte da DSM, porque é claro que todo empresário busca aferir receita para poder pagar os seus custos e obter rendimento do capital investido e, também, qualidade de vida. E quando a DSM faz um composto destes, joga a luz para a questão da qualidade, fazendo com que entre no radar do produtor, na agenda da propriedade, o item qualidade de maneira mais decisiva. E quando começa pensar em qualidade, o produtor percebe que não é só aumentar os custos, mas elevar a margem. Toda vez que trabalhamos a qualidade de maneira competente, nós melhoramos os indicadores zootécnicos e econômicos da propriedade. E essa ação é algo inédito e que precisa ser copiada por outras empresas que atuam no setor, incluindo aqueles que se beneficiam mais diretamente, que são os laticínios, e que ainda não têm política tão arrojada como essa de premiação implantada há quase uma década pela DSM.

Noticiário Tortuga – Em 2018, a DSM e a Embrapa assinaram convênio para desenvolver tecnologias que melhorem a alimentação e a produtividade da pecuária leiteira. Pela parceria, a unidade de Coronel Pacheco (MG) da Embrapa foi escolhida para ser o Centro Experimental de Gado de Leite da DSM para a América Latina. Como será esse trabalho conjunto e qual a relevância dessa iniciativa inédita?

Paulo do Carmo Martins – Essa parceria foi carinhosamente construída por parte dos dirigentes da DSM e da Embrapa. Percebemos que havia uma sinergia muito forte e uma possibilidade de ganho de cada uma das estruturas se nos aproximássemos e juntássemos esforços. As duas empresas vão gerar conhecimento em conjunto, validar tecnologias do mundo tropical e disseminá-las para os produtores. E todos ganham com isso: a DSM e a sociedade brasileira, através da Embrapa,

pois as nossas missões passam a ser únicas em prol do leite, do produtor e do consumidor brasileiro.

Noticiário Tortuga – Qual a importância da adoção de tecnologias, tanto na nutrição como na reprodução, no manejo e nas demais áreas do setor, para a evolução da atividade?

Paulo do Carmo Martins – Quando a Embrapa Gado de Leite foi criada, há 42 anos, o desafio era produzir oito litros por vaca. Na atualidade, sabemos que quem produz essa quantidade não consegue mais sobreviver. A adoção de tecnologias, tanto na nutrição quanto no manejo e na reprodução, é que faz com que o leite seja cada vez mais barato para o consumidor e mais rentável a todos aqueles que se dedicam à atividade, que naturalmente tem o produtor como ponto focal.

Noticiário Tortuga – Para terminar, podemos dizer que as novas tecnologias e a competitividade andam lado a lado?

Paulo do Carmo Martins – Vamos pensar na seguinte imagem: o mercado é como se fosse uma escada rolante que desce, e as empresas e os produtores do nosso setor querem subir

essa mesma escada. Quem sobe com maior velocidade do que a escada desce, consegue chegar ao topo; quem anda na mesma velocidade da escada, fica no mesmo lugar; e quem tem velocidade menor, é jogado para fora. Ou seja, aqueles que adotam a tecnologia de primeira, têm ganhos, e à medida que todo mundo vai aplicando, o custo e o preço do produto caem. Os que demoram a aderir à tecnologia, ficam no mesmo lugar. E existem aqueles que não a adotam: esses, o mercado põe para fora. Então, o produtor precisa acompanhar os avanços para se manter competitivo. Não dá mais para ele reproduzir a maneira como aprendeu. Quem produz da mesma forma, em cinco anos, está defasado. Os novos tempos exigem que o produtor faça gestão de propriedade, trabalhe com o conceito de vacas felizes, esteja de olho no consumidor e gere produtos que, mais do que saborosos, garantam saúde. É em torno desses três itens - eficiência de gestão, vacas felizes e consumidores satisfeitos – que a tecnologia precisa girar. E os produtores precisam buscar soluções que cumpram essas missões. Propriedade que não leva esse tripé em consideração, não é competitiva. É propriedade sem futuro. 





PECUÁRIA LEITEIRA COM GESTÃO: UM NEGÓCIO RENTÁVEL

*AS PROPRIEDADES QUE INVESTEM EM FERRAMENTAS DE GESTÃO
TÊM MELHORADO CONSIDERAVELMENTE A RENTABILIDADE DO
NEGÓCIO E JÁ TRABALHAM NA EXPANSÃO DOS PROJETOS*

Larissa Vieira

A produção de leite na Fazenda Canadá, no município de Curvelo, interior de Minas Gerais, vai saltar de sete mil litros/dia para 12 mil litros/dia até o final de 2019. Um crescimento planejado de mais de 70% que está exigindo do proprietário, Thiago Alvares Guimarães, o monitoramento constante dos números da fazenda. “Aqui, tudo é anotado. Até um prego que compro vai parar na planilha”, garante o produtor mineiro.







A Fazenda Canadá tem um rebanho de 280 animais em lactação, mas, até o final do ano, deve chegar a 400 exemplares.

Nem sempre o sistema de gestão na Canadá, que está no mercado há duas décadas, foi dessa forma. Antes, limitava-se ao controle do fluxo de caixa (despesas/receitas). A mudança começou há cerca de dois anos, com a adoção de um software de gestão e a participação no projeto do Sebrae Minas, o Educampo, focado na assistência gerencial e na tecnológica intensiva. As anotações dos dados da fazenda também passaram a ser feitas regularmente em planilhas de Excel. Com isso, a produção aumentou. Três anos atrás, a produção diária era de quatro mil litros/dia, 75% inferior à atual.

A Canadá tem um rebanho de 280 animais em lactação, mas, até o final do ano, deve chegar a 400 exemplares. “A fazenda evoluiu muito nesses dois últimos anos. Estamos crescendo rápido e essa diferença é visível. Agora, consigo enxergar os gargalos e tenho números para tomar decisões mais acertadas”, conta Thiago. Um dos gargalos detectados foi no setor de alimentação, o maior custo de qualquer propriedade leiteira. A saída foi investir nas áreas de lavoura para melhorar a produção por hectare e a qualidade do produto final. Dos 250 hectares da fazenda, 180 ha são destinados ao plantio de milho e sorgo, usados

como alimento do rebanho, e de soja, que é vendida para custear a compra do farelo de soja. Outra decisão tomada na parte nutricional foi investir na suplementação do rebanho com produtos Tortuga, marca da DSM. “Oferecer ao rebanho um suplemento de qualidade é essencial. Não dá para olhar só o preço, tem de ver os resultados”, garante Thiago.

Dentro do processo de aprimoramento da gestão, neste ano, a Fazenda Canadá decidiu dar um passo além. Agora, é uma das propriedades que integra o Programa de Gestão DSM Leite (PGDSM Leite). Criado no final de 2017, o programa possibilita o gerenciamento da fazenda com base em diversos indicadores econômicos e zootécnicos. Outro diferencial do PGDSM Leite é a possibilidade de comparar os resultados com o de outras propriedades e, a partir daí, tomar decisões para se tornar mais competitivo. Essa ferramenta é conhecida como benchmarking (avaliação comparativa, em livre tradução do inglês) e é amplamente usada no mundo dos negócios como forma de encorajar as empresas a pensar além de suas limitações, a buscar fatores-chaves que aumentem exponencialmente sua competitividade.

De acordo com o coordenador do Programa de Gestão DSM Leite, Felipe de Andrade, o benchmarking entre as fazendas participantes é importante, pois mostra o que as propriedades que mais ganharam dinheiro estão fazendo para alcançar esse resultado. “A comparação é feita com as 33% propriedades mais rentáveis do programa, tendo como índices de classificação as de maior Margem Bruta (Renda Bruta menos o Custo Operacional

Efetivo) por litro de leite (R\$/L) e maior Margem Bruta por área (R\$/ha). São comparados indicadores econômicos e zootécnicos gerados ao longo dos últimos 12 meses entre as fazendas do programa”, explica. A cada quatro meses, são gerados novos benchmarks após a análise técnica dos dados, operação realizada pela empresa Labor Rural, parceira da DSM. A partir dos relatórios mensais e dos benchmarks trimestrais, o produtor consegue avaliar se sua gestão e os indicadores da fazenda estão realmente se tornando mais eficientes.

Buscar a excelência no gerenciamento da atividade deveria ser uma regra, mas, infelizmente, é algo aplicado por poucos na pecuária leiteira. A falta de gestão é vista como o principal gargalo do segmento no Brasil. “Gestão vai muito além de anotar as informações zootécnicas do rebanho e da parte financeira. Isso não é gestão, é só uma das etapas. É preciso usar todos esses dados na tomada de decisão. E as propriedades que aderiram ao programa conseguiram enxergar a sua importância para o sucesso do negócio”, esclarece o coordenador do PGDSM Leite.

Então, se a questão é ter o controle das informações para usá-las sempre que necessário, de forma estratégica, o primeiro passo de uma boa gestão começa justamente pelo registro das informações. Nesse sentido, a DSM desenvolveu uma ferramenta especial para que os dados anotados possam ser transformados, a cada final de mês, em indicadores econômicos e zootécnicos. A ferramenta foi desenvolvida especialmente para o PGDSM Leite pela Universidade Federal de Viçosa, via Programa de Desenvolvimento da Pecuária de Leite – PDPL, e a Labor Rural, empresa especializada em prestação de serviços em assistência técnica e gerencial.

Segundo o zootecnista do PDPL, Renato Barbieri Shinyashiki, um dos diferenciais da ferramenta é a possibilidade de detalhar separadamente vários custos, tanto da parte econômica quanto da zootécnica. Depois, esses dados são transformados em diversos indicadores-referência. “Antigamente, trabalhava-se na pecuária leiteira apenas com indicadores técnicos, tais como Taxa de Concepção e Idade ao Primeiro Parto. Depois, foi desenvolvida pelo professor da UFV, Sebastião Teixeira Gomes, a metodologia de cálculo de custo de produção, abordando os custos operacionais efetivos, operacionais totais e totais, hoje amplamente utilizada em programas de gestão”, informa Shinyashiki. O zootecnista alerta que muitas pessoas trabalham apenas com o conceito de Despesa/Receita, mas ele não é apropriado para quando se deseja calcular o Custo de Produção da pecuária leiteira.

...

“
A fazenda evoluiu muito nesses dois últimos anos. Estamos crescendo rápido e essa diferença é visível. Agora, consigo enxergar os gargalos e tenho números para tomar decisões mais acertadas.”

**Thiago Alvares Guimarães,
proprietário da Fazenda Canadá**





Felipe de Andrade, coordenador do Programa de Gestão DSM Leite

Para facilitar a coleta dos dados, a ferramenta foi desenvolvida de forma a ser utilizada tanto pelo produtor como pelo técnico ou representante comercial da DSM. Os dados podem ser lançados na frequência que o produtor achar melhor, diariamente, semanalmente. Porém, ela precisa estar completa ao final de cada mês, a fim de gerar um relatório mensal com os índices zootécnicos e econômicos da fazenda, com indicadores como: custo de produção do leite, MB por litro de leite, MB por ha, estratificação dos custos em relação ao COE do leite e em relação ao preço recebido por litro de leite.

O programa gera 29 indicadores-referência, que vão desde a área da fazenda, o total do rebanho, as vacas em lactação/ área para pecuária e a produção/mão de obra permanente até o preço médio do leite e o gasto com volumoso na atividade/Receita Bruta da atividade.

Dentre os dados da ferramenta, estão os que compõem o Fluxo de Caixa. Aí devem entrar as receitas com a atividade leiteira, sendo o leite o principal produto comercializado. Além do leite, a renda da atividade é obtida com a venda de animais, laticínios, excedentes de volumoso, dejetos ou composto orgânico. Na parte das despesas, é preciso registrar todo o desembolso, ou seja, os gastos com concentrado, medicamentos, energia elétrica, impostos, taxas etc.

Os indicadores zootécnicos são aqueles relacionados ao rebanho, referentes ao desempenho produtivo (produção de leite/vaca/dia, ganho de peso, idade ao primeiro parto, intervalo de parto e produção de leite/ha/ano), à saúde dos animais (mastite clínica, retenção de placenta e problemas de casco), à composição do leite e CCS e à relação entre as categorias ou composição do rebanho. A composição do rebanho representa o número de vacas em lactação, de vacas secas, de fêmeas e machos das fases de cria e recria, de touros e receptoras. “Quando o produtor tem a informação da Variação do Inventário Animal, consegue enxergar a valorização do seu patrimônio em animais e a diferença de valor agregado de cada animal ou categoria ao longo de um ano”, informa Andrade, lembrando que, nesse período, houve mudança de categorias dos bovinos.

Analisando os indicadores técnicos, alguns merecem destaque. O indicador “Vacas em Lactação/Total do Rebanho” está relacionado com a persistência e a duração da lactação/eficiência reprodutiva do plantel e aponta o número de animais que realmente estão trazendo receita direta para a fazenda. Sendo o leite o componente principal da renda bruta da atividade, é importante que se tenha mais vacas em lactação do que animais sem gerar receita e, pior, consumindo esse ganho. “Em fazendas em crescimento, cuja recria é maior, é recomendável ter, pelo menos, 45% dos animais do rebanho em lactação. Já nas fazendas estabilizadas essa taxa aumenta, chegando a 55%. Se no rebanho tiver muito animal improdutivo sendo alimentado, haverá aumento do custo. Porém, é preciso ter cuidado na hora de solucionar esse problema, evitando que os animais de recria sejam negligenciados na parte nutricional, pois eles são o futuro da fazenda”, orienta o zootecnista do PDPL.

Ele alerta ainda que, na pecuária leiteira, uma ação mal planejada reflete negativamente nos anos seguintes, ou seja, qualquer falha no sistema pode afetar a produção no futuro. “Nos anos em que há alta nos preços do concentrado, muitos produtores optam por reduzir o fornecimento de alimento

de categorias como a recria e isso vai refletir depois na reprodução desses animais”.

Outro indicador técnico que deve ser monitorado é o indicador Vaca em Lactação/Total de Vacas, pois mensura o reprodutivo da fazenda. Este precisa girar em torno de 83%, pois não é desejável ter muita vaca seca ou improdutiva no rebanho.

Na hora de tomar a decisão, o produtor deve evitar fazer uma análise isolada dos indicadores, pois os dados zootécnicos e os econômicos são interligados. No caso da nutrição, por exemplo, é possível avaliar qual a interação entre os suplementos nutricionais e a composição do leite, entre os suplementos e a margem bruta da atividade etc. “Um diferencial do PGDSM Leite é justamente o fato de os dados relacionados à suplementação estarem detalhados, permitindo essa comparação. Em outros programas de gestão, normalmente o custo com suplemento está embutido em concentrado e fica difícil para o produtor perceber se os gastos com os núcleos estão sendo compensados pelo aumento da receita e da eficiência. De acordo com o último relatório, as fazendas mais rentáveis do programa investem 16% a mais em suplementos minerais e aditivos, conseguindo 80% a mais de MB unitária (R\$/L) e 46% a mais de MB por área (R\$/ha)”, assegura Andrade.

É possível, ainda, obter indicadores para avaliar se o gargalo está na mão de obra. Por exemplo, o indicador “Produção/Mão de Obra Permanente” mostra a eficiência da utilização da equipe de trabalho. “Melhorar a eficiência desse indicador não significa necessariamente demitir funcionário. Pelo contrário. Devem ser desenvolvidas ações para tornar as pessoas e as operações mais eficientes. Portanto, investir em treinamentos/capacitações e tecnologias capazes de otimizar os recursos tempo e mão de obra é uma alternativa aplicável e com foco em resultado”, explica o coordenador do programa.

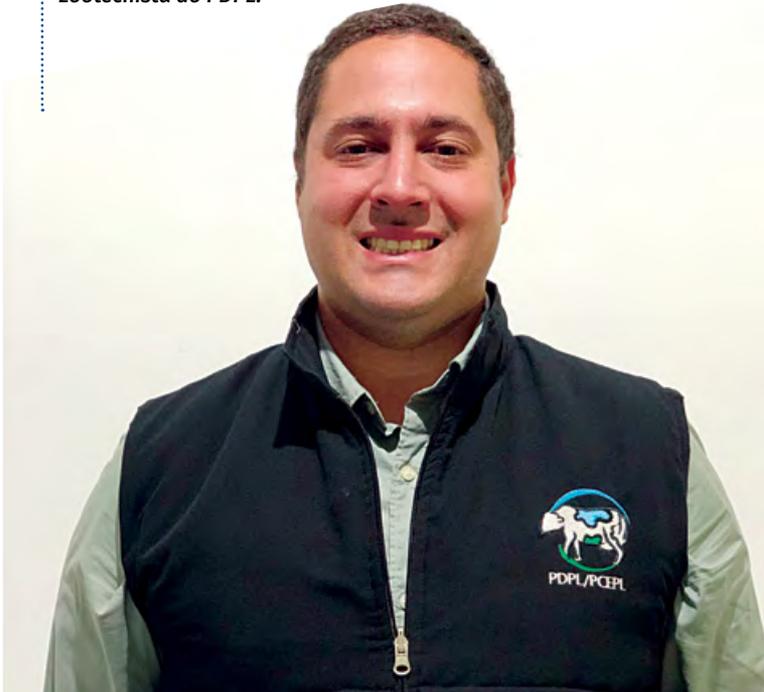
Para verificar se a propriedade é eficiente na utilização da mão de obra, devemos analisar dois indicadores: produção de leite diária pelo número total de funcionários da fazenda (litros/funcionário/dia) e quantidade de vacas em lactação ordenhadas por funcionário (vl/funcionário/dia), sendo os valores mínimos preconizados 350 e 20, respectivamente. Para concluir algo, é preciso avaliar se a eficiência obtida está atrelada à mão de obra ou às vacas em lactação. Isso porque

a propriedade pode possuir 35 vacas em lactação para cada funcionário, produzindo em média 10 litros cada, resultando nos 350 litros/funcionário/dia, ou ter 10 vacas em lactação para cada funcionário, com média de 35 litros/dia cada, resultando nos mesmos 350 litros diários. “No primeiro caso, podemos concluir que a eficiência está atrelada à mão de obra e, no segundo caso, às vacas do rebanho”, afirma Renato Shinyashiki.

Já o indicador “Produção/Área para Pecuária” permite verificar quão eficiente está sendo a utilização do recurso terra, importante variável do sistema por se tratar de um montante considerável de capital imobilizado. O indicador litros de leite/ha/ano tem sido um dos mais utilizados na gestão do negócio e o que melhor traduz a eficiência da atividade leiteira. Isso porque as propriedades leiteiras possuem, em média, 60% de todo o seu capital empatado em terras. Segundo Renato Shinyashiki, um novo indicador será implantado no PGDSM. “Estamos trabalhando para implementar o ‘Estoque de Capital por litro de leite’, que permitirá avaliar a eficiência do capital que está empatado no negócio”, informa.

O fato é que as fazendas que acreditam na gestão e na adoção das tecnologias estão apresentando bom desempenho, sejam elas pequenas, médias ou grandes. “Temos casos de produtores que, através de um sistema de gestão eficiente, conseguiram atingir uma produção sustentável e altamente rentável”, conclui Renato Shinyashiki. 

Renato Barbieri Shinyashiki,
zootecnista do PDPL.



EXPANSÃO DE PROJETOS EXIGE CUIDADO REDOBRADO COM A GESTÃO

Os produtores rurais estão mais confiantes no mercado. Conforme comprovou o levantamento TOP 100 2019 do Milkpoint, a rentabilidade da atividade está compensando os investimentos para 72% dos entrevistados que consideraram os ganhos de 2018 melhores ou iguais aos de 2017.

Essa maior confiança no setor está fomentando a expansão de projetos leiteiros, sejam eles pequenos, médios ou grandes, em várias regiões do País. Um exemplo vem de Linha Passo Ruim, localizado em Condor, pequeno município do noroeste do Rio Grande do Sul. A Agropecuária Pfeifer trabalha para aumentar a produção diária em cerca de 40% nos próximos dois anos. Hoje, o rebanho Holandês conta com 155 animais em lactação, o que garante uma produção de 5.300 litros/dia. “Vamos ampliar o plantel para 220 animais em ordenha e, com isso, subir a produção para 7.500 litros/dia”, conta Delci Maria Stein Pfeifer.

Com uma administração familiar, a Agropecuária Pfeifer já contabiliza 32 anos na atividade leiteira e, ao longo das duas últimas décadas, vem investindo na adoção de ferramentas e programas de gestão para tornar o negócio mais lucrativo. Antigamente, a rotina da fazenda era registrada apenas no papel. Depois, vieram as planilhas de Excel, utilizadas até hoje, mas agora combinadas com softwares de gestão financeira e do rebanho.

Cada membro da família Pfeifer tem uma responsabilidade dentro do negócio, que conta com a participação de várias gerações. Os patriarcas Helio Mario Pfeifer e a esposa, Dulci Pfeifer, trabalham em parceria com os filhos Darci Sérgio e Dair Jorge, noras e netos. A parte agrícola (lavoura) é de responsabilidade de Darci, da esposa Claudete e do filho Douglas Augusto. Já a parte de pecuária leiteira da Agropecuária Pfeifer fica a cargo de Dair, da esposa Delci e do filho Wesley Alan, que contam com uma equipe de oito colaboradores para cuidar do rebanho. Na gestão financeira, os sócios proprietários têm o auxílio e a participação de Jaiane Dandara, filha do sócio Darci, e de um consultor terceirizado. “Antigamente, as decisões eram tomadas no ‘achismo’ porque não tínhamos todas as informações necessárias para isso. Quando passamos a ter maior controle, conseguimos saber para onde queríamos ir, pois os números nos mostram o melhor caminho. Conseguimos comparar o desempenho

da fazenda em cada período e, assim, planejar melhor o negócio”, diz Delci, que é responsável pela gestão dos números, controle de rebanho e avaliação de indicadores desse setor.

Com o projeto de expansão em andamento, as finanças mereceram cuidado redobrado nos últimos anos. O fechamento passou a ser por fluxo de caixa e são realizadas reuniões com um consultor financeiro todas as semanas. Já na parte zootécnica, o planejamento nutricional é feito com a orientação da DSM e da cooperativa Cotripal. Francisco Riel, assistente técnico comercial da DSM, é responsável pelo trabalho de nutrição na propriedade que, aliado à gestão, tem colaborado decisivamente para a evolução da produção. A dieta do gado é toda formulada por um software e, depois de colocada em prática, vai sendo ajustada conforme o consumo dos animais. O monitoramento da alimentação inclui, periodicamente, monitorar matéria seca, controlar dieta com o uso de peneiras penn state e, diariamente, controlar as sobras de dieta no cocho. “Com todo esse controle dos dados zootécnicos, estamos conseguindo definir quais vacas descartar, as que devem receber um reforço na alimentação e os suplementos que vamos direcionar para cada categoria. Assim, estamos maximizando a produção”, diz Delci. Segundo ela, também são feitos investimentos constantes na capacitação da mão de obra, além de participação em encontros técnicos do setor e visitas a outras propriedades para adotar ações de benchmarking. “Apresentamos os dados da fazenda à equipe com frequência para que eles acompanhem a evolução e os índices zootécnicos do rebanho e saibam onde podem melhorar”, conta.

A Agropecuária Pfeifer também conta com um modelo de gestão empresarial. Todos os membros da família que atuam no negócio são considerados colaboradores contratados formalmente e recebem salário, assim como a remuneração dos sócios entra como despesa da empresa. “Toda atividade passa por dificuldades em algum momento e, na pecuária leiteira, isso não é diferente. Mas quem não tem um sistema de gestão eficiente, acaba sofrendo mais os efeitos da crise. No nosso caso, ficou claro que, à medida que fomos aprimorando a gestão, a rentabilidade foi aumentando. Percebemos que, mesmo em anos de crise para o setor leiteiro, conseguimos manter a rentabilidade do nosso negócio”, conclui Delci.



A GESTÃO REFLETE NA VISÃO DO NEGÓCIO

Outro exemplo de que a gestão impacta a rentabilidade dos negócios vem da cooperativa Frísia, com sede em Carambeí (PR), mas com atuação na região paranaense de Campos Gerais. Hoje, 280 produtores de leite possibilitam à cooperativa atingir uma produção diária de 670.000 litros. A empresa foi buscar na filosofia Lean (idealizada, na década de 1950, pelo executivo da Toyota, Taiichi Ohno) um modelo de gestão para seus cooperados. Com base nessa filosofia, o diretor da Clínica do Leite, Paulo Machado, criou o Programa de Formação do Sistema MDA, com foco na gestão de negócios agropecuários. A proposta é eliminar tudo o que atrapalha o fluxo de trabalho nas fazendas. Por exemplo, quando um ordenhador precisa sair do fosso de ordenha para buscar mais pré-dipping, isso resulta em desperdício de tempo e de produtividade das vacas que estão aguardando para serem ordenhadas. Ao evitar esse tipo de ocorrência e até antever instabilidades dentro do sistema de produção, é possível promover melhorias

contínuas no sistema produtivo, tornando a fazenda um negócio cada vez mais rentável. Isso vai exigir conhecimento do sistema produtivo e do que se espera de cada sistema que compõe a propriedade.

Já foram capacitados para a metodologia 241 produtores e funcionários das propriedades. Com um modelo de gestão eficiente, muitos cooperados da Frísia estão expandindo os negócios. “Os resultados financeiros e zootécnicos são positivos, com incremento anual de crescimento em produção de 10%. Porém, o que mais impacta é como os produtores mudaram o modo de pensar, o que trouxe ganhos intangíveis para a nossa pecuária de leite. Hoje, temos produtores com visão clara de onde querem chegar com suas propriedades. Isso é o mais gratificante em todo o trabalho, pois este projeto da Frísia está mudando a vida das pessoas envolvidas na cadeia de produção de leite”, assegura Jefferson Tramontini Pagno, coordenador de Pecuária Leite da Frísia.



PRIMEIRO DIA DE CAMPO DSM E EMBRAPA MOSTRA INOVAÇÕES EM NUTRIÇÃO PARA GADO DE LEITE

EVENTO REUNIU CERCA DE 150 PRODUTORES DAS REGIÕES DA ZONA DA MATA, VERTENTES E SUL DE MINAS GERAIS, QUE DEBATERAM OS PRINCIPAIS ASSUNTOS DO SETOR EM RODAS DE CONVERSA

Larissa Vieira



Uma manhã de imersão para compartilhar as novidades em ciência e tecnologia na área de nutrição para bovinos de leite. Foi assim o primeiro Dia de Campo de Gado de Leite realizado em parceria entre a DSM, detentora da marca Tortuga®, e a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa Gado de Leite, no dia 2 de julho, na cidade de Coronel Pacheco (MG). O evento reuniu pesquisadores, especialistas e cerca de 150 produtores das regiões da Zona da Mata, Vertentes e Sul de Minas Gerais, em uma roda de conversa dividida em quatro estações diferentes, com o objetivo de gerar conhecimento e incentivar a melhoria de índices zootécnicos, produtividade e rentabilidade da pecuária brasileira.

Cada estação de conversa teve um foco diferente: pesquisa e desenvolvimento de forrageiras para a produção de leite; tecnologias e nutrição de vacas de leite em sistemas de pasto; pecuária de precisão; e tecnologias e nutrição de vacas em confinamento.

“A ação visa a ampliar o conhecimento sobre suplementação estratégica e as melhores práticas na pecuária de leite, alavancando a produção em sistemas de pasto e em confinamento e a prosperidade econômica, de forma

sustentável”, explica Ariel Maffi, Vice-presidente Ruminantes Brasil da DSM. Segundo ele, o Dia de Campo é uma ótima oportunidade para os pecuaristas aprenderem e esclarecerem dúvidas com os pesquisadores conceituados da Embrapa e com os especialistas da maior companhia de suplementos nutricionais para animais no Brasil. “A DSM acredita no diálogo contínuo entre os centros de pesquisa e a indústria, visto que as inovações científicas geram excelentes resultados quando aplicadas no dia a dia do campo”, enfatiza Ariel Maffi.

Para Paulo do Carmo Martins – chefe-geral da Embrapa Gado de Leite e nosso entrevistado dessa edição, o principal desafio do setor é produzir leite com qualidade, baixo custo e sustentabilidade. Por esta razão, são necessárias ações que envolvam os produtores, a indústria e o governo. “A adoção de tecnologias, tanto na nutrição quanto no manejo e na reprodução, faz com que o leite seja cada vez mais barato para o consumidor e mais rentável a todos aqueles que se dedicam à atividade, que, naturalmente, tem o produtor como ponto focal”, afirma.

Além do Dia de Campo, a parceria entre a DSM e a Embrapa Gado de Leite prevê diversas atividades que fomentem discussões para incrementar a produção e os resultados da pecuária brasileira. Dentre elas, o programa de estágio com foco em pecuária de leite, Workshops e treinamentos, a participação da DSM como julgadora do evento “Ideas for Milk” e a presença de pesquisadores da Embrapa em eventos organizados pela DSM. 



CEPEA: PRIMEIRO SEMESTRE CONFIRMA IMPORTÂNCIA ATUAL DO MERCADO EXTERNO

Thiago Bernardino de Carvalho

Pesquisador da Equipe de Pecuária do Cepea

Alessandra da Paz

Gestora da Equipe de Comunicação do Cepea

Os números de exportações de carne bovina *in natura* nos primeiros seis meses deste ano seguem favoráveis ao setor pecuário nacional e reforçam a importância atual do mercado externo.

O bom desempenho dos embarques tem ajudado a sustentar os valores domésticos da arroba do boi gordo e, especialmente, da carne negociada no mercado atacadista da Grande São Paulo. Ressalta-se que, pelo menos até o encerramento do primeiro semestre, a demanda doméstica ainda não tinha se aquecido tanto quanto agentes do setor esperavam.

Exportações no 1º semestre geram receita recorde de quase R\$ 10 bi – No balanço do primeiro semestre de 2019, o volume de carne bovina *in natura* embarcado pelo Brasil ficou próximo do recorde atingido em 2007. Esse cenário, somado ao dólar em elevado patamar ao longo deste ano, garantiu receita recorde de quase R\$ 10 bilhões no primeiro semestre.

De janeiro a junho, os embarques de carne bovina totalizaram 678,69 mil toneladas, 27% acima do volume exportado no primeiro semestre do ano passado e apenas 2,85% abaixo do recorde observado de janeiro a junho de 2007 (de quase 700 mil toneladas), de acordo com dados da Secex (Secretaria de Comércio Exterior).

A receita somou US\$ 2,57 bilhões, 15% a mais que a do período de janeiro a junho de 2018 e abaixo apenas da obtida em 2014, de US\$ 2,728 bilhões. Em reais, a receita do primeiro semestre foi de R\$ 9,89 bilhões, um recorde e 30% a mais que a obtida no mesmo período do ano passado, ainda conforme dados da Secex. Neste caso, foi o dólar em elevado patamar ao longo de 2019 que garantiu esse resultado.

Vendas externas em ritmo intenso sustentam preço doméstico – Com um bom volume de carne sendo escoado, frigoríficos habilitados para exportações precisaram adquirir novos lotes de animais para abate ao longo dos meses, o que manteve os preços da arroba relativamente firmes no primeiro semestre.

No período, o Indicador do boi gordo ESALQ/B3 teve média de R\$ 154,55, ligeiramente inferior (-0,58%) à do mesmo período de 2018 e 0,7% abaixo da média de janeiro a junho de 2017, em termos reais (valores foram deflacionados pelo IGP-DI de maio/19).

O movimento verificado para os preços da carne negociada no mercado atacadista da Grande São Paulo foi praticamente o

mesmo, com pouca variação frente às médias de anos anteriores. A carcaça casada bovina teve média de R\$ 10,73/kg de janeiro a junho deste ano, 1,09% acima da observada no mesmo período de 2018, mas 2,8% abaixo da do primeiro semestre de 2017.

Volume de abate segue crescendo e participação de novilha é recorde – A pecuária de corte nacional vem passando por mudanças nos últimos anos, especialmente no setor produtivo – investimentos em nutrição, genética, pastagem, entre outros. Essas alterações resultam em maior produtividade no setor, e os números de abate no primeiro trimestre de 2019, divulgados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em junho, confirmam essa tendência.

De acordo com dados do Instituto, o volume de abate de novilhas foi recorde para um trimestre. Além de mudanças estruturais na cadeia, isso também sinaliza que o mercado tem valorizado animais mais novos. De olho nisso, pecuaristas aumentam o interesse em negociar fêmeas novas.

De janeiro a março deste ano, foram abatidas 983,97 mil novilhas, 18,24% a mais que no mesmo período de 2018 e um recorde. O segundo maior volume de abate de novilhas, de 863,76 mil, foi verificado em 2014, quando, vale lembrar, o Centro-Sul nacional atravessou um período crítico de seca, o que levou pecuaristas a mandarem muitos animais para abate. O volume de novilhas abatidas no primeiro trimestre deste ano, inclusive, representou expressivos 12,46% do total, também um recorde. Até então, a maior participação de novilhas no total, de 11,15%, havia sido verificada no segundo trimestre de 2018.

Já para as vacas, o volume abatido no primeiro trimestre deste ano foi de 2,68 milhões de cabeças, quase 3% menos que no mesmo período de 2018. Somando o abate de novilhas e de vacas, portanto, o número foi de 3,66 milhões de cabeças. No caso de todas as fêmeas abatidas (novilhas e vacas), estas representaram 46,5% do volume total. No ano passado, esse número foi de 3,595 milhões de cabeças (46,56% do total) e, em 2014, 3,931 milhões (46,95% do total).

Considerando-se o abate total de animais, foram 7,894 milhões no primeiro trimestre deste ano, 2,23% acima do de janeiro a março de 2018 e 6,76% maior que em 2017. Levando-se em conta janeiro a março de anos anteriores, o volume abatido no primeiro trimestre de 2019 esteve abaixo apenas dos observados em 2007, 2013 e 2014, em 0,8%, 2,88% e 5,72%, respectivamente.



PESQUISA COM TECNOLOGIAS PROMISSORAS PARA A PECUÁRIA LEITEIRA É APRESENTADA PELA DSM NOS EUA

Cristina Simões Cortinhas

Médica-Veterinária, DSc, CRMV-SP 11593

Supervisora de Inovação e Ciência Aplicada Ruminantes da DSM

Em sistemas intensivos de produção de leite, o custo da alimentação dos animais é um dos mais impactantes – cerca de 40% a 60% do custo total – e pode determinar a permanência ou não na atividade leiteira. A importante representatividade destes custos tem estimulado o interesse em melhorar a eficiência de conversão alimentar e o aproveitamento dos nutrientes dos alimentos, proteína, energia e fibras, por exemplo, utilizando tecnologias, como os aditivos.

Outro ponto em que é preciso manter o foco é a saúde dos animais. Ao longo dos anos, com os avanços na nutrição animal e no melhoramento genético, as vacas se tornaram cada vez mais produtivas e, também, mais fragilizadas com relação a sua saúde. Isso, de certa forma, pode impactar a produtividade, a reprodução e a qualidade do leite. Assim, estudos com vitaminas, minerais e outras tecnologias com capacidade para melhorar os diversos processos metabólicos

do organismo animal, visando a auxiliar o incremento ou a manutenção da saúde da vaca, têm se intensificado.

Reconhecida como uma das empresas mais inovadoras no agronegócio, a DSM tem, dentre os seus objetivos, desenvolver tecnologias para auxiliar os pecuaristas em seus desafios. Neste ano, na reunião da American Dairy Science Association (ADSA), um dos mais importantes encontros técnicos e científicos para a pecuária leiteira do mundo, realizado nos Estados Unidos, a empresa apresentou os resultados promissores de dois estudos realizados no Brasil: com enzimas fibrolíticas, também chamadas de carboidrases, que visam a melhorar a utilização de nutrientes, e com o HyD para vacas em lactação, para garantir a estas mais saúde e longevidade.

O estudo com as enzimas Fibrolíticas (xilanase e beta glucanase) foi realizado em parceria com a Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da USP, no campus de Pirassununga (SP), sob coordenação do professor Francisco Rennó. Essas enzimas foram testadas por terem grande potencial para aumentar a digestibilidade da parede celular vegetal, convertendo a biomassa de plantas em proteína animal, leite e carne. Nesse estudo, doses crescentes de um *blend* das enzimas (xilanase e beta glucanase) foram fornecidas para vacas holandesas no terço médio de lactação. Os melhores resultados foram observados para as vacas que receberam menor dose de enzimas, em comparação a um grupo de vacas-controle que não recebeu a suplementação com enzimas. Como principais resultados, foram observados o aumento percentual de 7,2% na digestibilidade das fibras (FDN) (53,5% vs 49,6%), o aumento na produção de gordura do leite e a tendência de aumento na produção de leite corrigido para gordura e eficiência alimentar. A partir desse estudo, a DSM iniciou novas pesquisas com essas enzimas de forma a comprovar seus resultados e benefícios ao produtor de leite.

O segundo estudo apresentado na reunião da ADSA foi com a suplementação do metabólito da vitamina D (25 hidroxivitamina D3 - Rovimix® HyD®) para vacas em lactação. Esta pesquisa foi realizada em parceria com a Universidade Federal de Lavras (MG), sob a coordenação do professor Marcos Neves Pereira, com o objetivo de avaliar o impacto da suplementação de vacas em lactação devido a um possível efeito no metabolismo energético e na saúde das vacas. Os principais resultados foram o aumento na produção de leite (+ 800 g/dia), sem alterar o consumo de dieta da vaca, o aumento na produção de leite corrigido para gordura (+ 1,3 kg/dia) e a redução na contagem de

células somáticas do leite (83.500 vs 105.000 células/ml, com e sem suplementação de HyD, respectivamente), indicando melhora na saúde da glândula mamária.

Estes resultados comprovam o enorme potencial que o HyD tem de melhorar a saúde e, conseqüentemente, a produção de leite, quando suplementado também na lactação. Outros estudos que estão sendo realizados com o HyD nos Estados Unidos, em parceria com a Universidade da Flórida, também foram apresentados na reunião da ADSA e têm demonstrado muito bons resultados no crescimento e na saúde das bezerras, além de excelentes benefícios no metabolismo do cálcio, melhorando os efeitos deletérios da hipocalcemia no período de transição.

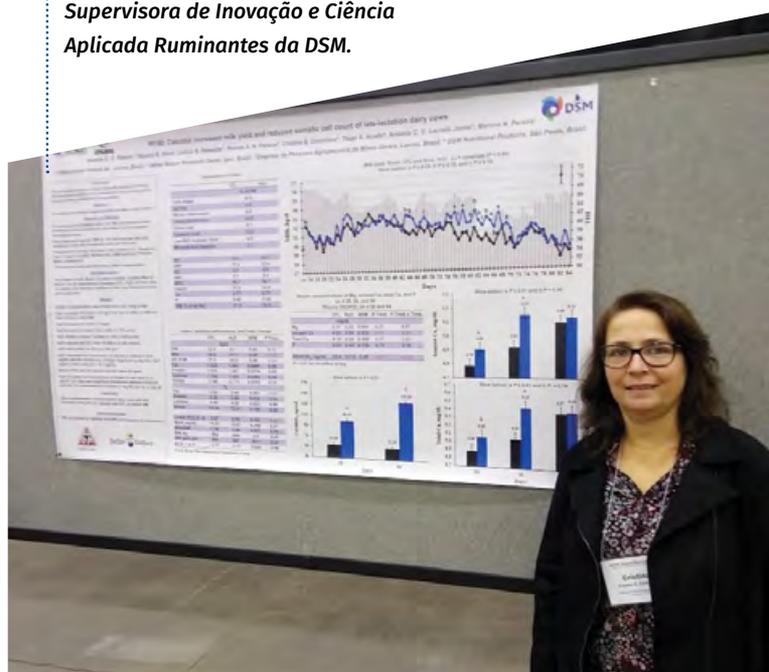
Tudo isso corrobora os objetivos da DSM, empresa baseada em ciência, que gera conhecimento técnico e inovador, levando-o ao mercado e, assim, contribuindo para o desenvolvimento da pecuária no Brasil e no mundo.

REFERÊNCIAS

Marques, J., L. Ghizzi, G. Silva, M. Dias, A. Nunes, L. Sakamoto, L. Fernandes, T. Silva, L. Gheller, N. Scognamigli, C. Cortinhas, T. Acedo, and F. Rennó, 2019. Effects of increasing exogenous carbohydrases levels on intake, milk yield and composition, and production efficiency of dairy cows. In: ADSA Annual Meeting, Cincinnati, Ohio.

Ribeiro, I., R. Silva, L. Resende, R. Pereira, C. Cortinhas, T. Acedo, A. Lacreata Junior, and M. Pereira, 2019. Calcidiol increased milk yield and reduced somatic cell count of late-lactation dairy cows. In: ADSA Annual Meeting, Cincinnati, Ohio.

Cristina Simões Cortinhas,
Supervisora de Inovação e Ciência
Aplicada Ruminantes da DSM.





DSM MARCA PRESENÇA EM EVENTOS INTERNACIONAIS E APRESENTA INOVAÇÕES PARA GADO DE CORTE

No primeiro semestre de 2019, a DSM participou ativamente dos principais eventos que envolvem a cadeia produtiva da carne bovina, no Brasil e no exterior.

A apresentação de três trabalhos sobre aditivos na suplementação de bovinos em pastejo, feita pelo analista de pesquisa Alexandre Perdigão, marcou a presença da DSM no 29º Congresso Brasileiro de Zootecnia (Zootec). Considerado um marco importante para os avanços técnicos, científicos e políticos do setor no Brasil, o evento aconteceu de 13 a 16 de agosto, na cidade de Uberaba (MG).

Em julho, entre os dias 8 e 11, Tiago Sabella Acedo e Guilherme Vasconcelos, respectivamente Gerente e Coordenador de Inovação Aplicada para Ruminantes Latam, participaram da reunião da Sociedade Americana de Zootecnia - American Society of Animal Science (ASAS), em Austin, no Texas (EUA), com a apresentação de seis trabalhos científicos: quatro referentes à bovinos de corte em confinamento e dois estudos sobre bovinos em pastejo.

Dentre as novas soluções apresentadas, destaca-se o uso de enzimas fibrolíticas, também conhecidas como carboidrases, que demonstrou benefícios tanto para bovinos de corte em pasto como em confinamento. No estudo com animais em pastejo, a adição de enzimas fibrolíticas no suplemento proteico-energético aumentou o rendimento e o peso da carcaça quente. Também para bovinos em confinamento, observou-se o aumento do consumo de matéria seca e de desempenho dos animais, mantendo-se uma ótima eficiência alimentar. Esse aditivo tem demonstrado ainda benefícios em dietas de vacas leiteiras, consolidando, assim, os efeitos das enzimas na melhoria do consumo e no aproveitamento da dieta em ruminantes.

No evento, também foram publicados e apresentados dois trabalhos sobre a suplementação vitamínica do metabólito da vitamina D (25 hidroxivitamina D3 - Rovimix® HyD®). No estudo de confinamento, o uso de HyD com uma dose ajustada de vitamina E aumentou o ganho médio diário de carcaça e o peso de carcaça quente. Para os bovinos em semiconfinamento, a suplementação de HyD também melhorou o desempenho dos animais, proporcionando maior ganho de peso, comprovando os efeitos positivos dessa tecnologia no desenvolvimento da carcaça de bovinos de corte. Isso porque os estudos demonstram que o HyD estimula o aumento da massa muscular dos animais, resultando em maior rendimento e peso de carcaça.



O supervisor de Inovação e Ciência Aplicada Ruminantes Latam da DSM, com o pesquisador Fred Owens, referência na nutrição de bovinos em confinamento, no PNC, em San Antonio, Texas.

Também no Texas, nos dias 11 e 12 de abril, a DSM participou da conferência “The plains Nutrition Council Spring”, tradicional encontro que reúne representantes das diversas áreas da cadeia de produção de bovinos de corte em confinamento, como consultores, pesquisadores, confinadores e profissionais da indústria de nutrição e saúde animal, dos principais países produtores de gado de corte, como Estados Unidos, México, Brasil, Austrália e Canadá. No evento, são ministradas palestras sobre a trajetória da pesquisa e a prática de confinamento e sobre como as principais tecnologias podem impactar a evolução da atividade. A conferência também abriga a premiação chamada de “As lendas da nutrição em confinamento”, que homenageia as grandes figuras responsáveis pelos avanços históricos do setor. O Supervisor de Inovação e Ciência Aplicada para Ruminantes Latam, Víctor Valério, representou a DSM.

Guilherme Vasconcellos e Tiago Sabella Acedo (Coordenador e Gerente de Inovação e Ciência Aplicada DSM, respectivamente), apresentando as novas tecnologias para bovinos de corte, na reunião do Animal Science em Austin, Texas.





Da esquerda para a direita:
Sílas Melo, Domingos Melo,
Maria Odete Melo
e Fernando Melo.

FAZER MAIS E MELHOR

ESSE É O LEMA DA FAMÍLIA MELO QUE, COM INVESTIMENTOS EM CONFINAMENTO, GENÉTICA E NUTRIÇÃO, PASSOU A PRODUZIR SETE MIL LITROS DIÁRIOS DE LEITE

Mylene Abud

Localizada no sudoeste mineiro, na região conhecida como Serra da Canastra e que é famosa pela produção de queijo artesanal, a Fazenda Primavera iniciou suas atividades seguindo a vocação do local. Em 1986, os irmãos Domingos e Pedro Melo começaram o seu negócio ao adquirir terras no município de São Roque de Minas.

“Quando eu e meu irmão compramos esta fazenda, tínhamos muita disposição e apenas 100 cabeças de gado, entre bois, vacas e bezerros, e precisávamos quitá-la em dois anos. Em 1988, ao terminarmos de pagar a propriedade, sobravam apenas seis bezerros. Pegamos, então, 30 vacas emprestadas de um tio, o que ajudou a mantermos uma pequena produção”, explica o sr. Domingos Melo que, em 1998, adquiriu a parte do irmão – que se afastou do negócio por problemas de saúde na família – e se tornou o único proprietário.

“De lá para cá, enfrentamos muitos desafios mas, com a ajuda de Deus e sempre determinados, fomos superando-os e aumentando aos poucos a nossa produção”, lembra o sr. Domingos. Sempre atento às necessidades do mercado, ele decidiu investir em infraestrutura, nutrição e genética, com o objetivo de incrementar a produção. “Em 2004, instalamos o primeiro tanque resfriador e usávamos toda a produção, cerca de 400 litros, para fazer queijo. Em 2006, implantei minha primeira ordenha, com 800 litros/dia na mão. Com esses investimentos, ganhamos mais qualidade no leite produzido e mais tempo para outras atividades, o que impulsionou a nossa produção. Em 2007, já produzíamos 1.500 litros de leite ao dia”, conta.

Sua esposa, dona Maria Odete Melo, era a responsável pela produção de queijos, que se estendeu até meados de 2007 e teve como auge a transformação de cerca de 750 litros de leite em 70 kg de queijo por dia. Atualmente, a fazenda produz queijo em pequena quantidade e se dedica à venda de leite fluido para um tradicional laticínio da região.

CONFINAMENTO E NUTRIÇÃO

De olho na evolução do mercado e no futuro do setor, o proprietário da Fazenda Primavera, ao lado dos filhos Fernando e Silas Melo, optou pela intensificação da pecuária leiteira. “Ao longo dos anos, o melhoramento genético dos animais passou a exigir mais conforto, melhor qualidade de alimentação”, conta o sr. Domingos,



Para mim, a sucessão é fundamental para o crescimento e a continuidade da fazenda. Juntos, somos muito mais fortes. São mais olhos para ver, mais opiniões a serem discutidas.



**Fernando Melo,
Fazenda Primavera**

que implantou na fazenda o *compost barn*, sistema de confinamento criado nos Estados Unidos para bovinos leiteiros, com o objetivo de garantir o máximo conforto e o bem-estar dos animais e, conseqüentemente, elevar os níveis de produtividade. “O *compost barn* nos trouxe muitos benefícios, como o aumento da produção e a diminuição de problemas, como mastite, parasitoses e doenças dos cascos, que incidiam principalmente no verão. Agora, com o novo sistema, conseguimos manter a nossa produção mais estável e a qualidade do leite está muito melhor!”, anuncia Fernando Melo.

As primeiras vacas foram fechadas na propriedade no início de 2018. “Na época, tínhamos uma produção de 3.500 litros/dia com aproximadamente 200 vacas. Hoje, com o sistema de confinamento consolidado, temos cerca de 230 vacas em lactação, que produzem uma média anual de 30,5 litros/dia cada”, comemora Silas Melo.





A busca pelo desenvolvimento e a superação dos desafios impostos pela atividade leiteira fazem da família Melo um case de sucesso e referência na região da Canastra. Desde o início dos trabalhos, o foco era produzir leite de boa qualidade e aumentar a eficiência do sistema de produção de leite.



**Felipe Leite de Andrade,
Supervisor Técnico Comercial da DSM**

O rebanho leiteiro da fazenda é composto por 450 animais predominantemente da raça Holandês PO, com alguns exemplares de Girolando. O sistema de confinamento proporcionou à Fazenda Primavera ganhar espaço livre e diversificar a sua atuação. “Hoje, ao lado do gado de leite, temos também o gado de corte, com cerca de 200 cabeças”, explica Fernando.

Além do confinamento, a propriedade investiu nos cuidados com a nutrição dos animais, contando com as tecnologias e o suporte técnico da Tortuga, marca da DSM. “Atualmente,

a tecnologia é indispensável. Sempre que bem planejada e executada, só agrega vantagens, facilita a vida e gera melhores resultados. Somos clientes DSM há mais de 20 anos e a empresa nos oferece, além de excelentes produtos com resultados comprovados, um acompanhamento técnico muito bem elaborado, buscando sempre aumentar a produtividade e diminuir os custos”, elogia o sr. Domingos.

“A busca pelo desenvolvimento e a superação dos desafios impostos pela atividade leiteira fazem da família Melo um case de sucesso e referência na região da Canastra. Desde o início dos trabalhos, o foco era produzir leite de boa qualidade e aumentar a eficiência do sistema de produção de leite. A constante troca de informações e o estudo de viabilidade de tecnologias aplicadas à nutrição possibilitaram implementar na propriedade novos planos nutricionais e ferramentas para controle de indicadores, visando a uma evolução saudável do ponto de vista técnico e econômico”, conta Felipe Leite de Andrade, Supervisor Técnico Comercial da DSM em Minas Gerais.

Felipe acrescenta que o incremento na produção de leite obtido em pouco mais de um ano impressiona. “Com a melhoria do ambiente, os ajustes de manejo e os investimentos em nutrição, observamos, no período de março de 2018 a março de 2019, uma evolução de 8 litros de leite/vaca/dia! E, neste ano, atingimos a média de 35 litros de leite/vaca/dia!, ressalta. Na Fazenda Primavera, as vacas em lactação são suplementadas com o Bovigold Crina, que favorece a melhoria da saúde, a longevidade dos animais, a qualidade e a produção de leite.

E a parceria com a empresa se solidifica a cada ano: em 2018, a fazenda recebeu a Menção Honrosa do programa Qualidade do Leite Começa Aqui, iniciativa da DSM que tem como objetivo homenagear os produtores que atingem altos níveis de qualidade com o uso das tecnologias de ponta da empresa.

Aliados à produtividade, à nutrição e ao bem-estar animal, os trabalhos da Fazenda Primavera também têm como base a sustentabilidade. “Todos os dejetos do gado de leite da propriedade são jogados nas áreas de plantio, preservando o meio ambiente e agregando maior produtividade a essas áreas”, explica Fernando Melo.

DIVIDINDO A GESTÃO

Fernando e seu irmão, Silas, cresceram na fazenda e, ao lado dos pais, sempre estiveram envolvidos com todas as atividades do negócio. Assim, naturalmente, teve início a transição na gestão. “O processo de sucessão surgiu na nossa família de forma automática. Desde crianças, os dois sempre estiveram juntos na fazenda, ajudando a cuidar e aprendendo”, conta, orgulhoso, o sr. Domingos. “Aliás, a sucessão traz muitas vantagens, muitos pontos positivos. Cada um fica responsável pelo seu setor, dividindo o serviço e executando melhor as atividades”, acrescenta.

Iniciado há oito anos, o processo de sucessão possibilitou que novos conceitos fossem introduzidos na fazenda e reuniu ainda mais a família em torno do propósito de crescer com sustentabilidade. Fernando Melo é o responsável pelo controle financeiro e pela agricultura (produção, silagem de milho e milho grão), enquanto Silas cuida da gestão da produção animal (manejo, nutrição, ambiente e controle zootécnico).

“Para mim, a sucessão é fundamental para o crescimento e a continuidade da fazenda. Juntos, somos muito mais fortes. São mais olhos para ver, mais opiniões a serem discutidas”, avalia Fernando Melo. Segundo ele, a família está bastante otimista com o futuro da pecuária leiteira. “Pretendemos ampliar o confinamento, a planta, ter mais área para silagem

“
Não esperávamos chegar aonde estamos hoje, com a produção de sete mil litros diários. Mas percebo que sempre dá para fazer mais e melhor.”

**Domingos Melo,
Fazenda Primavera**

e aumentar ainda mais a produção, dentre outros projetos”, revela Silas Melo.

“Não esperávamos chegar aonde estamos hoje, com a produção de sete mil litros diários. Mas percebo que sempre dá para fazer mais e melhor”, finaliza o patriarca Domingos Melo. ●





Animais em recria sendo suplementados com ração.

REALIDADE E PERSPECTIVAS OBSERVADAS EM TOUR PELO MÉXICO

**GRANDES PROJETOS DE PRODUÇÃO DE PROTEÍNA VERMELHA FAZEM DO PAÍS
UMA DAS GRANDES REFERÊNCIAS EM CONFINAMENTO DE BOVINOS DE CORTE**

Luis Otavio Affonso Bosque

Gerente Técnico Regional (CO&N) de Confinamento

Zootecnista CRMV/Z – MT 560

Especialista em Produção de Ruminantes

Conhecida por sua culinária inconfundível, o México também se destaca na produção de carne vermelha e a demanda por essa proteína aumenta cada vez mais. Com uma população estimada em 20,2 milhões de habitantes, sua capital, a Cidade do México, absorve quase toda essa produção, principalmente em razão do hábito alimentar do mexicano que, em quase todas as refeições, consome o conhecido Taco, que tem como ingrediente principal a carne bovina. O país exporta apenas 20% de sua produção total e 80% ficam no mercado interno.

Durante a semana que passamos no México, tivemos a oportunidade de conhecer algumas plantas de confinamento estático (com todos os animais confinados no mesmo momento), de variados tamanhos, contendo de mil a 150 mil animais. No país, existem três grandes grupos de produção de gado de corte, que, juntos, são responsáveis por 30% de todo o abate bovino mexicano. E tivemos o privilégio de conhecer dois deles: o PRADERA HUSTECAS e o GRUPO GUSI. Ambos os projetos são muito parecidos, desde a forma como os animais são produzidos até o abate e a comercialização da carne.

PROJETOS E ESCALA GIGANTESCA

Ao nos aprofundarmos nesses dois projetos, percebemos que o profissionalismo e comprometimento de toda a equipe envolvida é fundamental para o sucesso do negócio. Juntos, esses dois confinamentos possuem capacidade estática de 230 mil animais, sendo 85 mil animais em baias calçadas de concreto e 200 mil em recria a pasto. Toda a recria é suplementada com ração, na quantidade média de 1% do PV, e as áreas são compostas em sua maioria por capim do gênero *Cynodon*, com taxa de lotação de 10 cab/ha. Esses animais ficam em recria até atingirem o peso de 250 kg PV para fêmeas e 290 kg PV para machos. Em seguida, vão para o confinamento.

Ambos os grupos possuem frigorífico próprio, com capacidade de abate de 1.200 cabeças cada. Todo o gado abatido é de produção própria.

NUTRIÇÃO E MANEJO

A nutrição de todo o processo produtivo fica sob a responsabilidade de uma empresa de consultoria mexicana, com mais de 30 anos de mercado.

Os ingredientes utilizados são basicamente os mesmo nas duas plantas. São eles:

- Milho Floculado;
- Farelo de Soja – Brasil;
- DDG – EUA;
- Melaço de Cana – México;
- Glicerol – México;
- Núcleo Mineral – México;
- Silagem de Milho / Sorgo – México;
- Paca – Feno de qualquer forrageira – México.

A Pradera Husteca possui três floculadores com capacidade para produzir 18 Ton/hora de milho floculado. Há padronização no teor de umidade desse milho na entrada do floculador (começa com 20% de umidade, no máximo) e saída com média de 22% de umidade no grão.

O manejo de dietas e adaptação é similar ao utilizado aqui no Brasil (conforme tabela abaixo).

O manejo de fornecimento é baseado em leitura de cocho com quatro notas:

- 1 - Rapado “Brilhando” - Até 15% na Adaptação - aumento de 15% no trato;
 - 2 - Rapado
 - 3 - Migalha
 - 4 - Cheio - Máximo de 5% de todos os cochos – ajuste de 2% no trato para menos.
- } 80% de todos os cochos - ajuste de 2% no trato;

A limpeza dos bebedouros é feita todos os dias. São 15 funcionários para essa finalidade.

DADOS GERAIS

Peso Médio Entrada Machos = 310 kg PV.

Peso Médio Entrada Fêmeas = 270 kg PV.

Peso Saída Machos = 560 kg PV.

Peso Saída Fêmeas = 530 kg PV.

GMD médio = 1,2 a 1,5 kg/cab/dia.

Período Médio = 170 dias.

RC Médio = 61%.

IMS (% PV) = 2,3%.

MS dieta Final = 83%.

12 m² / animal e 28cm de área de cocho.

Volume Total de gado = 40% Fêmeas e 60% Machos Inteiros. ...

MANEJO SANITÁRIO

Ambos os confinamentos possuem um manejo sanitário rigoroso, desde a chegada do animal ao confinamento até a sua saída para o abate.

Os implantes são feitos a cada 30 a 40 dias, aproveitando a vinda desses animais ao curral. Eles novamente fazem um aparte do gado, homogeneizando ainda mais o lote

para a saída. Caso haja algum animal doente, é aplicado o medicamento indicado.

Agradecemos à empresa parceira LESSAFRE pela oportunidade dessa troca de experiências e informações durante essa semana que passamos no México. E à DSM, pelo convite e a confiança no nosso trabalho.

DIETA UTILIZADA	PERÍODO MÉDIO	RELAÇÃO V : []
RECEPÇÃO	PRIMEIRAS 36 HORAS	100% FENO + MINERAL
ADAPTAÇÃO	21 DIAS	50 : 50
INTERMEDIÁRIA - DESENVOLVIMENTO	14 DIAS (DEPENDENTE DO PESO)	30 : 70
TERMINAÇÃO 1	ATÉ 35 DIAS PARA ABATE	09 : 91
TERMINAÇÃO COM BETA AGONISTA	35 DIAS	08 : 92

VACINA E/OU PRODUTO E IMPLANTE	ÉPOCA
IVERMECTINA (1%)	ENTRADA
SULFATO DE ALBENDAZOL	ENTRADA
CARBÚNCULO, RESPIRATÓRIO	ENTRADA
MEDIÇÃO DE TEMPERATURA RETAL	ENTRADA
IMPLANTES – ACETATO DE TREBOLONA	A CADA 30 A 40 DIAS

*Luis Otavio Affonso Bosque,
gerente Técnico de Confinamento da DSM.*





SE TEM TORTUGA[®], TEM PRODUTIVIDADE E LUCRO.

Se tem Tortuga[®], tem uma linha completa de produtos para confinamento. Tem soluções que melhoram a eficiência alimentar do animal e que resultam em alto desempenho, maior ganho de peso e acabamento de carcaça. Tem as tecnologias CRINA[®] e RumiStar[™]. Tem produtividade e lucratividade.

Tortuga[®], uma marca DSM. Se tem Tortuga[®], tem futuro.





ESTRATÉGIAS NUTRICIONAIS POTENCIALIZAM A FASE DE RECRIA

Aydison Nogueira

Zootecnista - CRMV-SP 02017/Z

MSc. em Produção Animal

Supervisor da DSM

A intensificação dos sistemas produtivos de bovinos de corte a pasto no Brasil vem avançando significativamente

nos últimos anos. Novas tecnologias, embasadas em pesquisas e análises técnico-econômicas, têm validado ao produtor a adoção de diversas estratégias, as quais têm conferido ganhos em eficiência e produtividade.

Nesse contexto, a Fase de Recria ganha atenção e grande importância, pois permite aos pecuaristas a utilização de diferentes manejos nutricionais como ferramenta, conforme as necessidades, demandas e o viés do mercado.

Este incremento técnico dá ao produtor muitas opções, partindo de uma recria, visando à produção de boi magro para a venda ao mercado de terminação. Produto este de valor agregado, que normalmente tem sua remuneração acrescida de ágio frente à arroba de boi gordo (5% a 15%), percentual que varia conforme a disponibilidade de animais para reposição, a qualidade e a época do ano.

Para os pecuaristas mais estruturados, que podem realizar a fase de terminação em confinamento, a estratégia na recria permite produzir mais arrobas a pasto, com custo baixo, competitivo, o que por sua vez reduzirá o número de dias de cocho. Paralelamente, este também é um manejo que auxilia muito o confinador, porque adapta e condiciona os animais à sequência dos manejos.

Já consolidado no campo, o uso de misturas múltiplas durante todo o ano, contemplando fontes de minerais, energia e proteína, tem permitido aos sistemas produtivos a continuidade de ganhos no período da seca, além de promover ganhos adicionais no período das águas, potencializando a média de ganhos de peso diários. Desde que aliado a uma boa disponibilidade forrageira, a patamares ao redor de até 400 gramas adicionais, quando comparado ao manejo convencional apenas com produtos minerais.

Para este perfil de suplementação podemos seguir dois caminhos, um deles utilizando o produto pronto para uso Fosbovi Proteico Energético 25 M, suplemento já misturado, com aditivos e ingredientes de qualidade (sem eventuais substitutos), facilitando sobremaneira os manejos nas fazendas. Porém, se a fazenda possuir insumos com preços competitivos (farelos), dispo de mão-de-obra e estrutura para fazer a mistura, a indicação é o produto Fosbovi Núcleo Proteico, que é um núcleo mineral, adicionado de fontes proteicas e aditivos, mantendo a qualidade e reduzindo os custos de produção.

Esse maior desempenho com a suplementação eleva a média anual de ganho, considerando-se a somatória dos períodos de seca + águas, para valores entre 500 e 600 gramas/animal/dia.

O mais interessante é que o consumo dos suplementos com o perfil e a classificação de mineral-proteico-energético, na maioria das vezes, é estabelecido na faixa de 0,3% a 0,4% de PV. Ou seja, não tem efeito de substituição no consumo da forragem, mas sim de adicional, refletindo em ótimas respostas animais.

É possível nestes sistemas de recria intensificados colocarmos em período de 12 meses, até 7@ de ganho, produzindo de acordo com todos os custos contemplados (suplemento nutricional, pasto, sanidade e operacional), uma @ que variará entre R\$ 105,00 a R\$ 115,00 (SP), conforme simulação (Tabela1).

Se considerarmos uma arroba de boi magro no patamar de R\$ 160,00 (SP - Ago19), a diferença entre a @ de venda e a produzida pode chegar a R\$ 50,00, ou seja, produzindo-se 7@ na recria, o lucro poderá estabelecer-se em até R\$ 350,00/animal no período de um ano.

FOSBOVI PROTEICO ENERGÉTICO 25 M



Indicado para bovinos de corte em crescimento e engorda preferencialmente em pastagens com boa qualidade e disponibilidade. Otimiza o desempenho dos animais.

A vantagem desta tecnologia, quando comparada às de maior nível de intensificação, está na simplificação de manejos, sem a necessidade de grandes investimentos em instalações e com custo x benefício viável.

Para a suplementação nutricional, recomenda-se o ajuste no espaçamento de cocho, que deverá se estabelecer na faixa mínima de 30 cm/animal. E o cocho deve estar sempre localizado na área de malhadouro ou praça de alimentação.

Definida a melhor localização, deve-se fornecer o produto diariamente (manhã ou tarde), em uma única vez, realizando inicialmente a adaptação dos animais ao manejo proposto. Essas ações auxiliarão no melhor controle e ingestão do suplemento pelo rebanho. Água de qualidade e um adequado manejo forrageiro complementam as recomendações técnicas.

Como é uma prática que pode ser utilizado durante o ano todo, no período das águas, a maioria das forrageiras pode

ser indicada (Panicum, Cynodon e Brachiaria SSP). Porém, para a época de seca, as espécies do gênero Brachiaria consistem nas melhores opções.

Este manejo nutricional não se limita à recria de machos. Pode, também, ser uma excelente alternativa para a recria de fêmeas, em especial novilhas (nulíparas), em que se busca o alcance do peso mínimo, a melhoria do Escore de Condição Corporal (ECC) e a antecipação da cobertura, valorizando a precocidade e o potencial genético dos animais.

A fase de recria a pasto consiste em uma excelente oportunidade no ciclo da pecuária de corte. Sobre isso, não há dúvida nenhuma, uma vez que esta apresenta uma relação de investimento e resposta animal muito positiva aos pecuaristas, principalmente com o advento e o avanço dos manejos nutricionais. Cabe ao produtor decidir, munido de muitas informações para trabalhar de uma forma sustentável, eficiente e que atenda às demandas do mercado.

Análise Técnico-Econômica		
Peso Vivo Inicial (kg e @)	210,0	7,0
Peso Vivo Final (kg e @)	420,0	14,0
Ganho Peso Diário (kg)	0,575	
Ganho Peso Período (kg e @)	210,0	7,0
Ingestão Diária (0,3% Peso Vivo)	0,950	
Consumo Período (kg)	342	
Custo Suplemento Nutricional (R\$/kg)	R\$ 1,200,00	
Custo Total Período (R\$) A+B+C+D	R\$ 770,00	
Custo @ engordada	R\$ 110,00	

Simulação com custo médio SP (Ago19): A: Nutrição (R\$ 410,00) / B: Pasto (R\$ 252,00) / C: Operacional (R\$ 72,00) / D: Sanidade (R\$ 36,00).

Capim na época da seca.



Capim na época das águas.





SE TEM TORTUGA[®], TEM RENTABILIDADE.

Se tem Tortuga[®], tem produtos para todas as categorias de bovinos de corte. Tem soluções estratégicas para as fases de cria, recria, engorda e reprodução. Tem os Minerais Tortuga que potencializam os resultados e geram rentabilidade e lucro para o pecuarista.

Tortuga[®], uma marca DSM. Se tem Tortuga[®], tem futuro.



O QUE HÁ POR TRÁS DAS MEGACAMPEÃS

CONQUISTAR UM PRÊMIO NA MEGALEITE EXIGE CUIDADO REDOBRADO NA NUTRIÇÃO DAS FÊMEAS. COM PLANEJAMENTO NUTRICIONAL, O GRUPO LÍDER JÁ ACUMULA VÁRIAS PREMIAÇÕES COM A RAÇA GIROLANDO. E OS RESULTADOS PORTEIRA ADENTRO, OBTIDOS COM A SUPLEMENTAÇÃO DO REBANHO, TAMBÉM ESTÃO MELHORANDO A RENTABILIDADE DO NEGÓCIO

Larissa Vieira

Na Fazenda Santa Luzia, do Grupo Líder, novos prêmios passaram a integrar a crescente galeria de troféus da propriedade. As responsáveis por essa ampliação recente do quadro de vitórias atendem pelo nome de Salobo Penelope III FIV e Naja Glenn Ann 0721 Sta. Luzia. As duas novilhas sagraram-se campeãs do 30º Torneio Leiteiro Nacional de Girolando, ocorrido na Megaleite 2019, maior exposição de pecuária leiteira da América Latina, que ocorreu de 19 a 22 de junho, em Belo Horizonte (MG). Além dos troféus, elas entraram para a história dos torneios leiteiros por baterem recordes de produção.

Com média diária de produção de 89,153 kg/leite, Salobo Penelope venceu na categoria Novilha CCG 1/2 HOL + 1/2 GIR e bateu dois recordes: da Megaleite (86,020 kg/leite-2018) e nacional (87,952 kg/leite-2016). Ao longo das nove ordenhas do torneio leiteiro, ela produziu um total de 267,460 kg/leite e conquistou o título de Campeã Novilha Geral na categoria Produção Absoluta de Leite. Também foi Campeã Novilha Geral na categoria Composição do Leite, que leva em conta o teor de gordura e proteína.

Outro recorde foi conquistado pela novilha Naja Glenn Ann. Ela concorreu entre as fêmeas de composição racial CCG 3/4 HOL+ 1/4 GIR e atingiu uma produção total de 195,580 kg/leite e média de 65,193 kg/leite. Com isso, superou o recorde anterior de 59,020 kg/leite, que persistia desde a Megaleite de 2008.

Vencer na maior exposição das raças leiteiras, em que competem os mais tradicionais criatórios do País, não é tarefa fácil. Requer um criterioso sistema de seleção, manejos nutricional e sanitário adequados dos animais (antes e durante a competição) e uma equipe qualificada. Para o presidente do Grupo Líder, o empresário e criador Hebert Lever José do Couto, as duas conquistas refletem o empenho da equipe para desenvolver uma pecuária altamente eficiente. “Quando se acredita em Deus, tem foco, disciplina, trabalha com comprometimento e tem uma equipe de grande performance, engajada e comprometida, o sucesso é consequência”, atesta o criador.

É preciso voltar uns passos nessa história para entender como a fazenda Grupo Líder chegou a esse patamar dentro do Girolando, raça leiteira nacional que mais vende sêmen no Brasil e que corresponde a 80% do leite produzido no País. Em 2013, Hebert decidiu entrar para a atividade, vindo de

uma vasta experiência no setor supermercadista. Na época, foram adquiridas 100 bezerras Nelore para recria. Interessado em produzir com qualidade e modernidade, foi atrás de conhecimento para prosperar no novo negócio. Visitou a Embrapa Gado de Leite, procurou produtores referência de gado em Minas Gerais e estudou muito sobre clima e genética antes de investir mais no setor. Em 2014, após muitas pesquisas, optou por focar a criação nas raças Gir e Girolando. Com isso, resgatou as origens do campo da família, já que o pai era produtor rural.

A fazenda Santa Luzia fica na beira do rio Caatinga, na região da Taboca, no município de João Pinheiro/MG. Uma das políticas do grupo é que cada espaço de terra tenha produção enxuta e sustentável. Por isso, os atuais 192 hectares devem chegar a 229,21 ha de área totalmente produtiva. O rebanho conta com 302 vacas em lactação e uma produção de 8.300 litros de leite/dia. O produtor, o cuidado é redobrado com o manejo nutricional para garantir a produtividade do plantel. “Fazemos treinamento de funcionário, auditoria de dieta (TMR), análises periódicas de forragens e do leite da fazenda, para corrigir as dietas em tempo real. Também procuramos os melhores fornecedores de maquinários e insumos e temos o máximo de flexibilidade de dieta, possibilitando, mesmo em um megaprojeto, o máximo de

BOVIGOLD CRINA® RUMISTAR™



*Solução nutricional
para melhor
utilização dos
nutrientes da
dieta de vacas
em lactação.*

custo/benefício, individualizando dietas e categorias”, explica o produtor.

O planejamento nutricional é ajustado com regularidade, com base em todos os dados da fazenda, para entender qual será a melhor estratégia mês a mês. “Em breve, também teremos pesagem de leite individual diária para sermos ainda mais assertivos”, afirma o produtor. Com a orientação técnica da DSM desde 2016, a fazenda conta ainda com estratégias de suplementação para cada categoria do plantel, aplicadas ao longo de todo o ano. “Quando se suplementa, os resultados são visíveis: mais saúde, mais leite, mais reprodução e mais dinheiro no bolso. Gasta-se mais, porém, ganha-se muito mais. Com a DSM, conseguimos ter um atendimento exclusivo e o uso de tecnologias e aditivos únicos que nos levaram a outro patamar”, constata Hebert.

Na lactação, as vacas recebem o Bovigold CRINA® RumiStar™. Já para as bezerras, a suplementação oferecida é o Bovigold Prima e o Bovigold Plus vai para as novilhas, além do Bovigold Pasto livre no cocho (*free choice*). Essas estratégias permitiram melhorar a saúde do rebanho. No pré-parto, houve queda de 15% nos casos de retenção de placenta e de metrite. E a produtividade também aumentou. Nos animais de cria e recria, foram obtidos ganhos superiores em até 100g/cab/dia e, na lactação, houve um incremento de 1,9 litros a mais de leite nas vacas. “Tudo isso somado nos dá, dentro do acompanhamento financeiro que também temos, um custo menor em relação a outras fazendas do mesmo porte. Ou seja, isso é sinal de eficiência”, atesta o presidente do Grupo Líder. Também foram feitos investimentos em uma fábrica de ração.

Com a nutrição potencializando a genética selecionada pela propriedade, foi possível conquistar vários prêmios em exposições nos últimos anos. Além dos recordes e campeonatos na Megaleite 2019, o Grupo Líder acumula premiações nos últimos cinco anos de seleção da raça Girolando. Na primeira exposição de que participou, a Superleite 2017, em Pompéu (MG), fez a Campeã Vaca e Campeã Novilha da composição racial CCG 1/2 HOL+1/2GIR, além da Grande Campeã. No ano seguinte, mais conquistas. Na Expoaraxá 2018, levou para casa o prêmio de Reservado Campeão (categoria Vaca - CCG 1/2 HOL+1/2GIR). Na Megaleite 2018, os títulos conquistados foram

Campeã Novilha Mirim e Reservada Melhor Fêmea Jovem, Campeã Novilha Sênior e campeã novilha do Torneio Leiteiro na categoria Composição de Leite.

“O que me levou a optar pela raça Girolando foi sua produtividade, rusticidade, precocidade, longevidade e fertilidade, além da alta capacidade de adaptação a diferentes tipos de manejo e clima. Avaliando todos os resultados que alcançamos dentro e fora da fazenda, tenho certeza de que fiz a melhor escolha! E que escolha! Tão bem feita que, após apenas cinco anos atuando na área, já batemos até o recorde mundial de produção leiteira da raça dentro da composição racial que selecionamos”, conclui Hebert.

MELHORIA DA INFRAESTRUTURA

Quando iniciou seu projeto pecuário, o criador aliou os investimentos no tripé genética/nutrição/sanidade à melhoria da parte estrutural da fazenda e da mão de obra. Foram feitos investimentos na parte agrícola, com plantio de grãos, implantação de pivô central, regularização ambiental e reforço de energia elétrica do empreendimento. “Para ter bons resultados, é necessário investir também em infraestrutura. Construímos, ainda, novas instalações, arejadas e amplas, para os colaboradores”, atesta Hebert.

A capacitação da equipe faz parte da rotina da fazenda. Os colaboradores participam de cursos ministrados em parceria com o SENAR e de cursos de longa duração. “Implantamos uma cultura voltada para a valorização de toda a equipe e todos trabalham com o espírito de que, quando o empreendimento cresce, todos ganham”, afirma.

O pecuarista fala que sustentabilidade é a palavra que melhor define o modelo adotado na fazenda. Isso significa atuar com responsabilidade social, ambiental e, acima de tudo, espírito empreendedor e colaborativo através do trabalho em equipe. “Temos como meta atuar com excelência em toda a produção agropecuária: gado de corte, leiteiro, grãos e genética. Através da adoção constante das novas tecnologias, estamos conseguindo oferecer ao mercado produtos que agreguem valor aos clientes, parceiros, colaboradores e à comunidade”, finaliza o presidente do Grupo Líder. O projeto pecuário da Santa Luzia espera chegar a 30.000 L/dia em 2022. 



SE TEM TORTUGA[®], TEM EFICIÊNCIA NA ATIVIDADE LEITEIRA.

Se tem Tortuga[®], tem uma linha para todas as categorias de bovinos de leite, da cria e recria, passando pelos períodos pré-parto, pós-parto e produção de leite. Tem soluções que proporcionam aumento do desempenho reprodutivo e eficiência na atividade leiteira.

Tortuga[®], uma marca DSM. Se tem Tortuga[®], tem futuro.



OBSERVANDO A QUALIDADE IDEAL DAS PASTAGENS PARA EQUINOS

Dr. José Luiz Domingues

Engenheiro Agrônomo da J.L. Domingues Consultoria Agronômica



Às vezes, paramos e ficamos observando um piquete formado por uma ou mais espécies forrageiras ou por aquela forrageira que escolhemos com algum critério e que conduzimos diariamente como nossas pastagens para serem fonte de fibra, energia, proteína e minerais para nossos animais.

Muitos técnicos, práticos, tratadores e proprietários já estiveram nessa situação, perguntando-se: “Será que já está na hora de soltar um lote aqui?”

Sabemos que, quanto mais tempo o piquete estiver vedado, maior a produção vegetal por área e maior a capacidade de suporte desse piquete. Entretanto, quanto mais o tempo passa, menor a qualidade nutricional dessa forrageira quanto aos teores de proteína e digestibilidade. O tempo aumenta a quantidade de folhas, o que é bom, mas também aumenta a quantidade de hastes, o que não é tão bom.

Então, qual é o ponto ideal, ou pelo menos bom, para iniciar o pastejo desse piquete?

“

Sabemos que, quanto mais tempo o piquete estiver vedado, maior a produção vegetal por área e maior a capacidade de suporte desse piquete.

”

Devemos considerar também que a qualidade e a quantidade da forragem disponível aos animais durante o pastejo vão diminuir gradativamente. A cada dia de pastejo, teremos uma menor massa disponível e com menor qualidade. Portanto, não é apenas a data de entrada que deve estar nas nossas observações.

E vários técnicos, práticos, tratadores e proprietários também já estiveram nessa situação, perguntando-se: “Já está na hora de tirar esse lote daqui?”

Estas duas situações, aparentemente problemáticas e talvez difíceis para muitos, estão na base do manejo de pastagens. Um manejo correto visa sempre a atender às demandas nutricionais dos animais, ao mesmo tempo em que detecta as demandas do sistema solo-planta, procurando colher dele a maior produção, a maior qualidade e no menor custo.

Quem maneja bem suas pastagens, atende às demandas dos animais em qualidade e quantidade de forragem nova, folhosa e nutritiva, sem se esquecer de atender às necessidades das plantas forrageiras para que isso ocorra. Essas plantas deverão estar recuperadas tanto em sua parte aérea como em sua parte radicular, para manter a produtividade desejada e sua perenidade no sistema.

...

Essa produtividade é representada por vários fatores distintos, mas interligados, como: taxa de cobertura de solo, número de plantas por área, interceptação da radiação solar, temperatura ambiente, quantidade de perfilhos por planta, peso desses perfilhos, umidade e fertilidade do solo. Somam-se a estes a espécie forrageira, a época do ano, o local de produção e, principalmente, quem maneja isso tudo.

Como já apresentado, o fato inexorável no pastejo é que, a cada dia que passa, haverá uma diminuição na quantidade disponível aos animais e, também, na qualidade oferecida a eles.

Mas os animais não consomem tudo o que lhes é oferecido, havendo uma grande seletividade no pastejo. Essa seletividade existe enquanto houver forragem palatável a ser coletada. Quando não houver mais disponibilidade de forragem de qualidade a ser selecionada pelos animais, o pastejo cessa ou diminui drasticamente.

Bom, aqui parece que já temos alguma indicação sobre como proceder para saber se está na hora de colocar ou tirar os animais de um determinado piquete.

Não se deve colocar um determinado lote de animais em um piquete muito jovem, com um curto período de descanso, nem em um piquete com plantas ainda baixas em altura, pois tanto a cobertura de solo, como a oferta de folhas, ainda está reduzida. Para obter essas condições de pastejo, precisamos atender às condições de crescimento das diferentes espécies forrageiras, tanto em densidade de plantas como em fertilidade de solo e em umidade adequada de solo ou período de descanso após pastejo.

O lote deve entrar para pastejo quando a oferta de forragem permitir uma boa seletividade pelos animais durante todo o período de ocupação desse piquete. E deve sair do pastejo quando essa seletividade na coleta de forragem não for mais atendida.

Pastejar os animais é observar como eles capturam a forragem e como ela foi selecionada, ver como os animais se deslocam pelo piquete, quanto tempo as cabeças ficam abaixadas, e observar como aquele “dossel” de folhas vai diminuindo com



Não se deve colocar um determinado lote de animais em um piquete muito jovem, com um curto período de descanso, nem em um piquete com plantas ainda baixas em altura, pois tanto a cobertura de solo, como a oferta de folhas, ainda está reduzida.



o tempo. É estar com um olho no pasto disponível e outro na condição corporal de cada indivíduo.

Pastejar bem nossos animais é nunca sobrepastejar as forrageiras, e observar o crescimento da espécie forrageira a cada período de descanso pós-pastejo. Também é adequar o tamanho e a capacidade de suporte dos piquetes para que o controle do tempo seja apenas uma das ferramentas de manejo.

Se o manejo dos animais a pasto for bem sucedido nesses atendimentos e condições, haverá sobras não pastejadas, muito esterco e urina espalhados e bem distribuídos e não haverá áreas superpastejadas. Assim, o sistema solo-planta-animal estará mais equilibrado.

Nesse ponto, o tempo anotado no calendário será apenas um aliado, sem precisarmos nos questionar se devemos ou quando devemos colocar ou tirar um lote do piquete.

Será um prazer parar na frente de qualquer piquete e avaliar a sua qualidade para os equinos, observando-o com critérios sólidos e com a certeza de ter tomado a decisão correta. 



SE TEM TORTUGA[®], TEM PAIXÃO E PERFORMANCE.

Se tem Tortuga[®], tem animais saudáveis e prontos para o trabalho.
Tem Minerais Tortuga que auxiliam na prevenção de doenças e promovem a recuperação rápida do animal após a atividade física.
Tem melhora da performance. Tem paixão pela criação.
Tortuga[®], uma marca DSM. Se tem Tortuga[®], tem futuro.



*Queijo produzido na
Fazenda Capão Grande.*

PARCERIA ENTRE DSM E COAPI GERA PRODUTOS DE QUALIDADE E GARANTE PREMIAÇÃO NA FRANÇA

Dr. Lucas Eduardo Pilon

Doutor em Medicina Veterinária

Account Manager - Agroindústria de Ração DSM

A 4ª edição do Mondial du Fromage, evento que premia os melhores queijos do mundo, foi realizada nos dias 2, 3 e 4 de junho, no município de Tours, na França. Quinze países participaram o evento, que registrou uma importante participação brasileira na competição.

Dentre os premiados está a Fazenda Capão Grande, que conquistou Medalha de Prata na categoria “Queijo Tradicional da Canastra Curado com 22 dias de Maturação” (Figura 3). Localizada na Serra da Canastra, no município de São Roque (MG), a propriedade é administrada por Carlos Henrique Vieira Soares, a esposa, Solange Aparecida Soares, e o filho, Gustavo Henrique Soares. Eles representam a quinta geração da família à frente do tradicional negócio de produção de queijos artesanais, iniciado em 1944. Atualmente, a fazenda conta com cerca de 70 animais em lactação e uma produção diária de aproximadamente 21 litros por animal.

A qualidade da produção da Fazenda Capão Grande tem como base o bem-estar e a nutrição animal, com o uso de suplementação com a mais alta tecnologia disponível no mercado, encontrada nos produtos da DSM, detentora da marca Tortuga. “A ração fornecida para as vacas é produzida pela Cooperativa Agropecuária de Piumhi, a Coapi, que tem como fonte de minerais o Bovigold® CRINA®. O produto é constituído 100% pelos Minerais Tortuga, por vitaminas dentro dos padrões OVN (Níveis Ótimos de Vitaminas) e pelo Crina (Óleo Essencial), que substitui os ionóforos na nutrição animal”, afirma o proprietário da fazenda, Carlos Henrique Soares.

Cooperativa tradicional do sul de Minas, a Coapi iniciou suas atividades em 1951 e, hoje, conta com aproximadamente 1.600 associados. A cooperativa realiza um rigoroso controle de qualidade das matérias-primas utilizadas na produção de rações e suplementos minerais, incluindo testes laboratoriais e de validação de mistura, calibração dos equipamentos e treinamentos de boas práticas de fabricação a todos os colaboradores envolvidos no processo de produção. Sob a fiscalização do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), todas essas ações são realizadas para garantir a qualidade dos produtos comercializados, fazendo com que os animais expressem o máximo de sua capacidade produtiva e reprodutiva.



Premiação recebida na 4ª edição do Mondial du Fromage 2019.

“Prezando pela qualidade, todos os produtos da cooperativa voltados à nutrição animal têm a tecnologia dos Minerais Tortuga, marca da DSM”, destaca o responsável técnico da indústria de Ração e Suplemento, o médico-veterinário Danilo Machado Caetano, que também está à frente do manejo nutricional das vacas da Fazenda Capão Grande.

Essa parceria entre a Coapi e a DSM culminou no reconhecimento obtido pela Capão Grande no Mondial du Fromage.

Carlos Henrique Vieira Soares e Gustavo Henrique Soares.





NOSSA GENTE

TRABALHAR COM DESAFIOS É MOTIVADOR

TECNOLOGIA DE PONTA E PROFISSIONAIS
ENGAJADOS SÃO OS INGREDIENTES PARA
UMA RECEITA DE SUCESSO

Mylene Abud

Quem nunca ouviu a expressão “é melhor prevenir do que remediar”? Pois esse ditado popular é levado a sério por Marcelo Teodoro Van Lieshout, Gerente Regional das regiões Centro-Oeste e Norte da DSM, em suas atividades profissionais. “Quando você escolhe trabalhar com a pecuária, tem muitas oportunidades de levar melhorias aos clientes. Nos dias de hoje, trabalha-se menos no curativo e mais na prevenção e na produção. E nada melhor do que prevenir e produzir, levando saúde via nutrição”, afirma.

Médico-veterinário formado pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), com MBA em Gestão Empresarial pela FGV, Marcelo começou a sua carreira como gerente de uma agropecuária com fazendas em Goiás e Mato Grosso. Em 1998, entrou para a Tortuga, atual marca da DSM, para ser Assistente Técnico Comercial na Gerência de Goiás. “No ano seguinte, fui convidado para ser Supervisor Técnico de Vendas em uma nova Supervisão, em Brasília. Depois, assumi a Gerência Distrital de Goiás e, em 2015, cheguei à Gerência Regional do Centro-Oeste e Norte”, lembra ele, que é responsável pela gestão direta de cinco gerentes distritais e lidera um time de 51 profissionais.

Segundo Marcelo Teodoro, trabalhar com essa grande equipe, formada por pessoas que buscam a cada dia aprimorar a performance e levar produtividade para os clientes, é muito instigante. “Nossa equipe é técnica, integrada por várias empresas representantes, e todos os ATCs, supervisores, gerentes, diretores e o próprio vice-presidente têm formação em Ciências Agrárias (Agronomia, Zootecnia e Veterinária). Esse embasamento técnico, junto à efetividade da área comercial, é responsável por todo o sucesso da DSM na introdução de tecnologias na pecuária. O comprometimento das áreas técnica e comercial aumenta a nossa capilaridade e traz segurança aos nossos clientes”, pontua Marcelo Teodoro.

E para estar sempre perto dos funcionários e lidar com uma área geográfica extensa, o Gerente Regional Centro-Oeste e Norte da DSM tem uma agenda repleta, que inclui viagens semanais, visitas a clientes, reuniões e controles de vendas. “Gosto de estar junto com a equipe, para apoiá-la, e ficar por dentro de todos os assuntos que envolvem a região. E, claro, estar sempre próximo dos clientes”, destaca.

“**Acredito que onde mais aprendi foi na execução, em por a mão na massa, foi com o time, com as dificuldades e os desafios.**”

Todos esses desafios diários são motivadores para Marcelo. Dentre as características que considera essenciais para o exercício da profissão, ele destaca o conhecimento. “A informação ficou muito barata e isso tem aumentado o número de dados, dúvidas, tecnologias e desafios. O profissional que trabalhar sem atualização ficará no caminho”, pontifica.

Para Marcelo Teodoro, integrar o time da DSM é motivo de orgulho. “Faço parte de uma equipe comprometida com os resultados dos nossos clientes e isso, para mim, é essencial. Nossa empresa tem um histórico fantástico e, com certeza, terá um futuro brilhante. Tecnologia de ponta e profissionais engajados são os ingredientes para uma receita de sucesso”, enfatiza.

**MINERALIZAÇÃO
CORRETA E
PERMANENTE
PARA UMA ALTA
PRODUTIVIDADE.
ESTA É A NOSSA
DICA DESDE
SEMPRE.**

noticiário TORTUGA

28 ANOS DE TRABALHO PELO PROGRESSO DA PRODUÇÃO ANIMAL

COMO CONSEGUIR ALTA PRODUTIVIDADE NA EXPLORAÇÃO LEITEIRA

A MÉDIA DE PRODUÇÃO DAS VACAS DA
FAZENDA FORTALEZA É DE 10 LITROS DIÁRIOS,
TRÊS VEZES MAIS A MÉDIA NACIONAL. UM
DOS SEGREDOS: MINERALIZAÇÃO CORRETA E PERMANENTE.



28.º Ano

Novembro de 1982

N.º 328



SE TEM TORTUGA[®], TEM PROFISSIONAIS.



Se tem Tortuga[®], tem uma equipe completa formada por veterinários, zootecnistas, engenheiros agrônomos e técnicos. Profissionais preparados para atender a pecuária e o pecuarista brasileiro.

Tortuga[®], uma marca DSM. Se tem Tortuga[®], tem futuro.